



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

**Uma experiência do *front*:
a Guerra de Canudos
e a Faculdade de Medicina da Bahia**

ALEXANDER MAGNUS SILVA PINHEIRO

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lina Maria Brandão de Aras

**Salvador – BA
2009**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**Uma experiência do *front*:
a Guerra de Canudos
e a Faculdade de Medicina da Bahia**

ALEXANDER MAGNUS SILVA PINHEIRO

**Dissertação apresentada ao
Mestrado em História da
Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas da UFBA, como
requisito parcial para obtenção do
grau de Mestre.**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lina Maria Brandão de Aras

**Salvador – BA
2009**

P654 Pinheiro, Alexander Magnus Silva
Uma experiência do front: a guerra de Canudos e a Faculdade de Medicina da Bahia / Alexander Magnus Silva Pinheiro. -- Salvador, 2009.
265 f.

Orientadora: Profa. Dra. Lina Maria Brandão de Aras
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2009.

1.Canudos (Ba) – história – Séc. XIX. 2. Faculdade de Medicina da Bahia
-
História. 3. Bahia – História – Séc. XIX. I. Aras, Lina Maria Brandão de.
II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III.Título.

CDD – 981.42

Libertas virorum fortium pectoras acuit.
A liberdade anima o coração das pessoas valorosas.

*A minha família que sempre acredita nos meus passos
(Théa, dádiva que recebi e que há anos chamo de 'minha mulher';
minha Mãe D. Santa, exemplo de coragem;
minha irmã Mariana, personificação da ternura;
e nosso lindo afilhado Carlos Miguel, reflexo da Mãe).*

AGRADECIMENTOS

A Deus por me guiar na imensidão do mundo.

A minha orientadora Prof^ª. Dr^ª. Lina Maria Brandão de Aras, por acreditar piamente neste sonho de ver mais uma Canudos nascer; por abrir suas portas para que consultássemos nos seus livros e arquivos pessoais; por em nenhum momento, no decurso do trabalho mostrar-se cansada; por seu olhar humano acerca das virtudes e vicissitudes dos indivíduos, pela sua atenção, inúmeras sugestões de leitura, por possuir um coração gigante e uma mente infinita. Enfim, Dr^ª, sem palavras! Este trabalho também é seu.

A UFBA – Prof^ª. Dr^ª. Maria Hilda Baqueiro Paraíso, Prof. Dr. Antonio Guerreiro de Freitas e demais professores do Programa de Pós-Graduação e funcionários da Biblioteca Isaías Alves/FFCH: Sr. Davi Alberto Batista Santana, D. Lúcia Fonseca, Marina da Silva Santos e Dilzaná Oliveira Santos (a companheira); CEB (CENTRO DE ESTUDOS BAIANOS) – NÚCLEO SERTÃO / UFBA: Maria Zelinda Ferreira Lopes, Wilson Dias Machado Filho, Juvemário Pereira Miranda e Sr. Antonio Carlos Santos; ARQUIVO DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA / TERREIRO DE JESUS: D. Vilma Lima Nonato de Oliveira, D. Francisca da Cunha Santos, D. Eliane da Cruz Santiago, Dr. Lamartine Silva e Dr. Tavares-Neto.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DA BAHIA / SALVADOR - BARRIS: Célia Mattos, Lucinéia Rocha Machado, Aline Fernandes dos Santos e Santos, Marinalva Pereira da Cruz, Rosania Nunes Damasceno, Sr. Luiz José de Carvalho e Miguel Telles.

UNEB - CEEC (CENTRO DE ESTUDOS EUCLYDES DA CUNHA): Prof. Manoel Neto e Prof. José Carlos Pinheiro; PROJETO ‘A CAMINHO DOS SERTÕES DE CANUDOS’: Prof. Sérgio Guerra e Prof. Roberto Dantas.

INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA: Prof^ª. Dr^ª. Consuelo Pondé e ao Bibliotecário Antonio Fernando da Costa Pinto.

PORTFOLIUM LABORATÓRIO DE IMAGENS: Antonio Olavo.

MEMORIAL ANTONIO CONSELHEIRO / CANUDOS: Izailton de Almeida.

FUNDAÇÃO PEDRO CALMON: Prof^ª. Dr^ª. Consuelo Novais Sampaio, Walter Oliveira e equipe de funcionários.

FUNDAÇÃO CLEMENETE MARIANI: Comissão Organizadora do Seminário Permanente com Pesquisadores Baianos.

APEB (Arquivo Público do Estado da Bahia).

ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO (RJ): ao Capitão Francisco José Corrêa Martins. Todos muito atenciosos que, sem pestanejar, me auxiliaram, ou na busca, ou na leitura de documentos.

A todos os parentes da minha companheira Thea Lucia Ferreira da Silva que olharam com seriedade este trabalho; a minha Tia Maninha e um destaque relevante a minha Mãe baiana, Maria Edith Ferreira da Silva, que sempre esteve a meu lado, fizesse chuva ou sol. Aos meus tios Nélio, Noélia, Neide e Humberto pela confiança depositada, ao meu tio Bello, meus primos Débora Cristina e Ruan, pela atenção e incentivo.

Aos meus cunhados Rita Maria e Lourival Araújo por tudo e, sobretudo, me haverem aberto as portas de sua casa em momentos tão delicados durante essa caminhada aqui em Salvador.

Ao meu amigo catuense Marcelo Souza Oliveira, baita guerreiro e companheiro de trincheira em todas as horas.

A todos os colegas da turma de Mestrado e Doutorado em História Social da UFBA do ano de 2006-2 e 2007, que me alimentaram com câmeras fotográficas, livros, fontes, histórias e estórias sobre o sertão. Destaque à colega Silvia Noronha pela paciência e auxílio na elaboração dos gráficos em Excel, Junívio Pimentel, responsável pela adaptação dos mapas nesse trabalho e Janice Filipin, amiga desde a Graduação, que prontamente elaborou nosso *abstract*.

Volto aos pampas com duas lástimas: primeiro, a de não ter conhecido o mestre José Calasans Brandão da Silva, erudito professor e depoente da luta sertaneja e, segundo, a de não ter visitado Canudos e suas regiões adjacentes tantas vezes quanto gostaria.

No decorrer deste trajeto, desculpo-me com todos se não atingi, satisfatoriamente, os anseios em mim depositados. Sou humano e meu trabalho seguirá sempre na condição do erro e do acerto.

Se alguém foi aqui esquecido, por favor, tenha em mente meus eternos agradecimentos.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa de estudos.

LISTAS

LISTA DE IMAGEM

Imagem – 1: Missa campal em Cansanção

Imagem – 2: A chegada dos soldados à Estação da Calçada

Imagem – 3: Corpo Médico em Monte Santo

Imagem – 4: Presença do Corpo Sanitário em Canudos

LISTA DE MAPAS

Mapa – 1: Espaço de deslocamento dos acadêmicos no *front*

Mapa – 2: Canudos: setembro a destruição

Mapa – 3: Hospitais de Sangue em Canudos

LISTA DE GRAFICOS

Gráfico – 1: Faixa etária dos combatentes

Gráfico – 2: Distribuição das doenças I

Gráfico – 3: Distribuição das doenças II

Gráfico – 4: Distribuição regional dos combatentes

LISTAS

LISTA DE QUADROS

Quadro – 1: Professores da FMB e suas respectivas disciplinas

Quadro – 2: Descoberta de organismos patogênicos

Quadro – 3: Mapa de Enfermaria I

Quadro – 4: Mapa de Enfermaria II

Quadro – 5: Mapa de Enfermaria III

Quadro – 6: Efetivo Médico do Exército

Quadro – 7: Listagem dos exames de final de curso em 15 de novembro de 1897

LISTA DE ABREVIATURAS

AFMB – Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia.

APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia.

BPEB – Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

FMB – Faculdade de Medicina da Bahia.

FPC – Fundação Pedro Calmon.

RESUMO

Este trabalho versa sobre a participação da Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia na Guerra de Canudos em 1897. Para atingir este objetivo, destacamos as interpretações a respeito das diversas fases da guerra, levando em consideração a diversidade interpretativa que há sobre o tema *Guerra de Canudos*. Delineamos, contextualmente, o universo político, social e econômico da Bahia quando da dissolução do regime imperial no Brasil e a emergência do sistema republicano de governo, com o intuito de perceber alguns motivos que levaram ao vertiginoso crescimento do arraial de Antonio Conselheiro e seus seguidores. Identificamos as instituições que compartilharam com a Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia o contexto da guerra, bem como apresentamos o diálogo entre elas no transcorrer da batalha. A imersão e organização da Faculdade para suprir as insuficiências da guerra é analisada a partir do Livro de Atas da Congregação da Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia (1889 – 1897), dos relatórios pós-guerra dos professores da Faculdade, dos Mapas das Enfermarias e das teses de doutoramento, elaboradas pelos acadêmicos que atuaram nas enfermarias, tanto em Salvador quanto em Canudos. A todos esses documentos correlacionamos com a documentação extra-Faculdade, isto é, imprensa, relatórios, ordens do dia, entre outros. Apontamos os nomes dos professores da Faculdade, as disciplinas que lecionavam e, sobretudo, associamos seus relatórios com os mapas das enfermarias que dirigiram, ali descrevemos seus sucessos e insucessos com os combatentes doentes e feridos. Ao lidar com os estudantes do curso de Medicina e Farmácia, identificamos os que se comprometeram com a guerra, como se comunicaram com os pais e com os colegas de Faculdade, como se organizaram para trabalhar nas enfermarias, e descrevemos suas permanências na linha de fogo. Por fim, relacionamos suas práticas em combate com as teses de fim de curso, ou seja, estabelecemos um paralelo entre o que foi vivido e o que foi escrito.

PALAVRAS-CHAVE: Bahia – Canudos – Faculdade – Medicina.

ABSTRACT

This work is about the participation of the Faculdade de Medicina e Farmacia da Bahia (University of Medicine and Pharmacy of Bahia) in the War of Canudos in 1897. To achieve such goals, we consider the interpretations of the diverse phases of the war as well as the interpretative diversity concerning the Canudos' War subject. We delineated the economic, social, and political universe of Bahia during the dissolution of the Imperial Regime in Brazil and emergency of Republic. The goal was to perceive the causes of the impressive growth of the village commanded by Antonio Conselheiro and his followers. We identified the institutions sharing context of war with the University of Medicine and Pharmacy of Bahia as well as presented the dialog between such institutions in the course of war battle. The immersion and organization of the University supplying the deficiencies of war is analyzed from the book of Minutes of the Congregation of the University of Medicine and Pharmacy of Bahia (1889 – 1897), of the University's professors' postwar reports, of the nurses' maps, and of the postwar doctored thesis elaborated by students in Salvador and Canudos. All documents are given a correlation with the extra-faculty documentation such as news, reports, and daily newspaper orders, among others. We pointed the university teachers' names and the disciplines they taught, we associated their reports with the nurses' maps, and we described their successes and failures with concerning the injured and sick combatants.

Upon dealing with the students of the course of Medicine and Pharmacy, we identified the ones that were committed with the war, how they communicated with the parents and classmates, how they organized themselves to work in the nurse stations, and we describe their permanence in the battle front lines. Finally, we relate their practice in battle with their end of course writings; in essence, we establish a parallel between what was lived and what was written.

Key Words: Bahia, Canudos, University, Medicine

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I CANUDOS E A SALVADOR DOS MILITARES CONVALESCENTES	
1.1. <i>Um breve contexto</i>	23
1.2. <i>Algumas Canudos</i>	28
1.3. <i>A fagulha</i>	33
1.4. <i>O recrudescimento do cerco</i>	35
1.5. <i>Os combatentes que chegavam</i>	41
1.6. <i>A Salvador que acolhia os combalidos</i>	45
1.7. <i>Necessidades hospitalares em tempos de guerra</i>	52
CAPÍTULO II A FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA POR DENTRO DA GUERRA	
2.1. <i>A Faculdade entre mortos e feridos</i>	57
2.2. <i>Uma incursão nas enfermarias</i>	69
2.3. <i>As curas, a crença na sciencia e o destino dos incivilizados</i>	87
CAPÍTULO III 75 LÉGUAS ENTRE A VIDA E A MORTE: OS ACADÊMICOS NO FRONT	
3.1. <i>À linha de fogo</i>	92
3.2. <i>A permanência nos Hospitais de Sangue</i>	101
3.3. <i>Às theses de doutoramento</i>	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
LISTA DE FONTES	132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
ANEXOS	138

INTRODUÇÃO

“Figurem uma tenda de palha, baixa, chão infecto, aqui e ali pedaços de carne, alguns em princípio de decomposição, as moscas em quantidade pousando por toda a parte; e no meio de tudo isso uma onda humana, acorçada em parte, deitada outra e sobre ela trapos e roupa negra de terra e de sangue velho.”¹

“... o surgimento progressivo da grande medicina do século XIX não pode ser dissociado da organização, na mesma época, de uma política da saúde e de uma consideração das doenças como problema político e econômico.”²

O *tempo* é um elemento inquietante nesse trabalho. O período em que a Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) atuou na Campanha de Canudos poderia ser definido em nove meses: delimitação entre a primeira ata a respeito do tema *Guerra de Canudos*, assinada pelos membros da Congregação em 16 de março, até dezembro de 1897, fim do ano letivo e encerramento das atividades nas enfermarias montadas para atender aos feridos e doentes provindos do conflito no sertão.³

Estes 09 meses não definem a atuação da Faculdade na guerra por 02 motivos, dentre vários: (A) alguns alunos que trabalharam nos hospitais em Salvador ou em Canudos, como auxiliares dos professores ou dos médicos militares, posteriormente à guerra (alguns cerca de cinco anos depois) mencionaram o que receberam da experiência no *front*; (B) estes mesmos estudantes, foram, mais tarde, professores daquela instituição e, em suas Memórias Históricas, voltariam a comentar os escombros da batalha contra o povo de Antonio Conselheiro.

Na carência de compreender a extensão da guerra dentro da Faculdade de Medicina, nosso período foi delineado entre o ano de 1897 e os primeiros anos do século XX, fase em que os alunos os quais eram calouros durante o combate começaram a entregar suas teses de doutoramento e registrar alguns apontamentos sobre o que

¹ PIEDADE, Lélis (Coordenador). *Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia (1897 – 1901)*. 2ª edição organiza por Antônio Olavo. Bahia: Portfolium Editora, 2002. p. 198.

² FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 2ª edição. São Paulo: Editora Graal, 1981. p. 194.

³ Ver glossário das doenças no material em anexo.

enfrentaram nos Hospitais de Sangue da linha de fogo e como compreenderam o fenômeno *Canudos*. Esse período de participação da FMB, como ressaltamos, não se esgota a não ser no imediatismo de uma dissertação de Mestrado, isto é, caminhamos até onde o tempo permitiu e a vista alcançou.

Para definirmos uma data *final* em nosso trabalho, o ano de 1902 pode ser encarado como o momento limite. O definimos após a leitura da tese de doutoramento do acadêmico do curso de medicina Alcides de Britto Torres que trabalhara durante o episódio de *Canudos* na enfermaria Kelulê, montada no Mosteiro de São Bento da capital baiana. Sua tese, defendida naquele ano, intitula-se *Feridas por projectis e seu tratamento em Campanha* e será analisada em nosso Capítulo III.

Não há líderes nesse trabalho. Perpassamos de um ponto a outro da guerra. Nossos personagens não se restringiram às instituições, são conselheiristas, poetas, professores, estudantes do curso de Medicina e Farmácia, diretores, correspondentes de guerra, escritores, advogados, farmacêuticos, industriais, governadores, médicos, militares; quer dizer, correlacionamos todos os que pudessem nos aproximar da multivocalidade de *Canudos* e contribuir para atingir nosso objeto de estudo: analisar a participação da Faculdade de Medicina e Pharmacia da Bahia na Guerra de Canudos. E, se há um *objeto abstrato* em cada pesquisador(a), o nosso centrou-se em monumentalizar ainda mais a saga dos que lutaram pela liberdade ao lado do beato. Chegamos à Faculdade de Medicina da Bahia através de leituras sobre o tema *Canudos* e esbarramos na necessidade de incorporar e analisar mais um personagem no espaço da guerra.

O que se pretende é dar voz a mais uma variante social que aparece no cotidiano bélico e que revela parte da realidade, a guerra prática. É permitir que alguns professores e alunos da Faculdade falem através de suas anotações, cartas, relatórios e teses acadêmicas, com a ânsia de ampliar, conseqüentemente, a margem de leitura sobre a guerra no arraial e suas nuances porque a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita.⁴

Muitas obras consideradas 'clássicas' sobre o conflito no semi-árido, abordaram de maneira superficial a inserção dos médicos e acadêmicos na quadra de Canudos. Euclides da Cunha, particularmente em *Os Sertões*, apenas efetuou alguns comentários sobre o tema. Ressalta-se a morte do médico Alfredo Gama (que não pertencia à

⁴ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. p. 79.

Faculdade baiana) ao manusear um *Withworth* 32, canhão conhecido também como ‘a matadeira’⁵.

“Aos feridos que, em conseqüência das hemorragias, em voz áspera e rouca pela secura, suplicavam água, quem podia atender?... Não havia um corpo designado para isto. Também nenhuma razão foi distribuída nos dias 18 e 19. [julho de 1897]

Alguns morreram por esta falta de tratamento.

A noite passou em claro. Toda a noite seguinte os médicos não dormiram. Na porta das tendas do hospital de sangue, pela manhã de 20, 21 e 22, amanheceram mortos muitos feridos que não puderam ser tratados, devido à falta de médico, e grande número de enfermos.”⁶ [grifo nosso].

O capitão Manoel Benício identificou em sua obra o tratamento dos feridos e a escassez de médicos e, como veremos, em raras ocasiões, mencionou o aparecimento dos acadêmicos de Medicina e Farmácia da Faculdade baiana. Em *A Campanha de Canudos*, Aristides Milton comentou que em 27 de julho e 3 de agosto dois professores e 62 alunos da FMB marcharam em direção ao centro da guerra. Queimadas, Monte Santo e o Alto da Favela foram os postos de trabalho dos jovens expedicionários, todos, segundo o autor, imbuídos de patriotismo e dignos dos maiores encômios que lhes cabiam. Concluiu, ainda em seu texto, que muitos alunos foram acometidos de varíola, mas sua narrativa sobre eles limitou-se a estas palavras.⁷

Outro exemplo das análises efêmeras a respeito dos representantes da Faculdade baiana no palco das operações é a carta escrita em 26 de agosto pelo coronel Fávila Nunes, enviado ao ambiente litigioso pela *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. Sua comunicação foi publicada no dia sete de setembro de 1897 e informou aos leitores da capital federal que “o corpo de saúde conta de cinco médicos, 17 estudantes de Medicina da Bahia e dois farmacêuticos. Esses estudantes prestam patrioticamente os mais relevantes serviços, quer em Canudos até a linha de fogo, quer em Monte Santo que é ante-sala de Canudos, quer finalmente em Queimadas.”⁸

Longe de indagar sobre a veracidade do que se tem escrito a respeito da epopéia conselheirista, o que pretendemos com esse trabalho é também apresentar um ponto, ou pontos suscetíveis à reflexão. A história de Antônio Conselheiro e seus seguidores e,

⁵ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Coleção A Obra-Prima de cada Autor. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

⁶ BENÍCIO, Manoel. *O Rei dos jagunços – crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos*. 2ª edição. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1997. p. 198.

⁷ MILTON, Aristides A. *A Campanha de Canudos*. Coleção Cachoeira. vol. 2. Bahia: EDUFBA, 1979. p. 117.

⁸ Carta de Favila Nunes ao jornal carioca *Gazeta de Notícias* publicada em 7 de set. de 1897. In: GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). *No calor da hora. A guerra de Canudos nos jornais – 4ª expedição*. 3ª edição. São Paulo: Ática, 1994. p. 366.

sobretudo, seu entorno, isto é, a atmosfera social envolvida com a guerra, motiva perguntas e reestudos. A bibliografia evidencia que correspondentes de guerra, cordelistas⁹, jagunços¹⁰, ex-combatentes¹¹, coronéis¹², acadêmicos¹³, escritores¹⁴, dentre outros, narraram, a seus modos, a trajetória do povo belomontense. Aquele também foi o momento da Faculdade de Medicina e Pharmacia da Bahia de expor sua opinião sobre a guerra, mas destaquemos que “o inédito não é jamais perfeitamente inédito. Ele coabita com o repetido ou o regular.”¹⁵

Assim, esse é mais um trabalho que pede espaço na imensidão da estante da historiografia dedicada a interpretar a Campanha travada no Bello Monte. Nada do que está nestas linhas que seguem é definitivo. O leitor(a) dedicado(a) a procurar respostas e não lacunas, por favor, não se aproxime deste material porque ele não traz explicações, mas interrogações. Esta dissertação é um convite à pesquisa e à interpretação sobre a relação entre Faculdade de Medicina da Bahia e Guerra de Canudos.

Para discorrer sobre as relações sociais, isto é, o comportamento do diretor, do vice-diretor, dos professores e dos alunos da FMB no conflito, percorremos alguns Arquivos da capital baiana e do Município de Canudos. As fontes, como por exemplo, o Livro de Atas da Congregação, os relatórios pós-guerra dos professores, as Memórias Históricas da Faculdade, os Mapas das Enfermarias e as Teses de Doutorado, todos esses documentos foram consultados, e alguns transcritos no Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia, o que abreviamos, no corpo do texto, em AFMB; exceto uma enfermaria que, igualmente, reproduzimos parcialmente, está localizada no Arquivo Público do Estado da Bahia, APEB.

Mais documentos – como o Relatório do Ministério da Guerra, publicado em 1898 (RMG – 1898), a Memória publicada em 1922, mas escrita anos antes pelo diretor da Faculdade de Medicina à época da 4ª expedição militar em Canudos, Antonio

⁹ SARA, J. *Meu folclore – história da Guerra de Canudos, 1893-1898*. Biografia de Antonio Conselheiro. Sua vida em sua terra, o Ceará. Cocorobó destruirá Canudos e restabelecerá os Belos Montes. 2ª ed. Euclides da Cunha – Bahia: Museu do Arraial Bendengó., 1957. p. 1-41. In: CALASANS, José. *Canudos na literatura de cordel*. São Paulo: Ática, 1984. p. 67.

¹⁰ CALASANS, José. *Quase biografia de jagunços (O séquito de Antonio Conselheiro)*. Centro de Estudos Baianos (CEB). Bahia: EDUFBA, 1986. n. 122.

¹¹ SOARES, Henrique Duque-Estrada de Macedo. *A guerra de Canudos*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. Philobiblion / Pró-memória, 1985.

¹² SAMPAIO, Consuelo Novais (org.). *Canudos – Cartas para o Barão*. 2ª edição. São Paulo: EDUSP, 2001.

¹³ MANGABEIRA, Francisco Cavalcanti. *Poesias (nova edição) – Hostiário, Tragédia Épica e últimas poesias*. Rio de Janeiro: Edição do Anuario do Brasil, s/d.

¹⁴ CUNHA, Euclides da. *Canudos – diário de uma expedição*. São Paulo: Editora Martim Claret, 2003.

¹⁵ BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre história*. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 96. A primeira edição em francês é de 1969.

Pacífico Pereira, e algumas cartas pessoais – foram consultados na Biblioteca Pública do Estado da Bahia, BPEBA e na Fundação Pedro Calmon (FPC – Centro de Memória da Bahia). Neste primeiro Arquivo, lançamos mão da imprensa baiana do final daquele Oitocentos com intuito de tornar o nosso estudo o mais inteligível.

A historiografia dedicada a narrar as quatro expedições militares enviadas ao arraial de Antonio Vicente foi pesquisada em dois Arquivos: um, o acervo do Prof. José Calasans Brandão da Silva, conhecido como CEB: Centro de Estudos Baianos – Núcleo Sertão (localizado na Biblioteca Central Reitor Macedo Costa, da Universidade Federal da Bahia); já o outro, Memorial de Canudos, no município de Canudos, onde realizamos algumas leituras.

Para recompor o cenário espacial em que professores, enfermeiros, médicos do Exército e estudantes de Medicina e Farmácia percorreram para tratar os feridos e doentes da guerra, lançamos mão dos mapas que estão distribuídos entre o terceiro capítulo dessa dissertação e o material em anexo. Paralelo às imagens, ilustramos a localização, tanto dos Hospitais de Sangue estruturados na linha de fogo e na retaguarda, quanto o espaço de deslocamento dos acadêmicos expedicionários pelo interior da Bahia.

Três capítulos compõem este trabalho. No primeiro capítulo, elaboramos uma análise contextual da Bahia do final do século XIX, relançando *olhares* acerca de sua estrutura econômica, política e social. Para este fim, trabalhamos com autoras(es)/obras dedicados a explicar os motivos que levaram a Bahia a integrar, de forma secundária, o Brasil da República Velha. Crise econômica, desavenças políticas e predomínio da pobreza entre a maior parte da população rural e citadina foram os elementos que mais nos detivemos, pois foi a partir dali que compreendemos o crescimento do arraial de Canudos.

Identificamos nesse primeiro capítulo alguns matizes interpretativos sobre a guerra no sertão da Bahia e procuramos distinguir cada um deles, isto é, desenvolvemos uma apreciação que levou em consideração: a *Canudos* vista pelos militares das três primeiras expedições; a guerra no versejar dos poetas; a percepção da Igreja ante o fenômeno sertanejo; o Conselheiro da imprensa baiana, carioca, paulista e sergipana; o *antro monarquista* que ameaçava a politicalha da República; e a obra de seu maior pesquisador, José Calasans Brandão da Silva. A todos, foram-lhes ofertadas uma explanação sobre àquela história.

Revisitamos as narrativas sobre as três primeiras expedições militares enviadas para destruir o arraial do beato cearense, mas nosso ponto nevrálgico centrou-se no universo da 4ª investida do exército. Fora a partir dela que a capital Salvador passou a palco das investidas da Faculdade de Medicina no trato dos feridos da guerra. Para desenhar o universo, que recebeu os doentes e combalidos das trincheiras dos *jagunços* acólitos do beato, percorremos a capital entre seus becos e vielas. Enquanto os soldados feridos caíam em seus leitos, invadimos os encanamentos dos esgotos da Bahia, revolvemos suas águas, mais, analisamos a água dos professores da Faculdade. Nossa curiosidade nos levou a vasculhar o sistema urbano-sanitário da cidade que recebeu mortos e feridos.

Disseminação de varíola, sífilis, impaludismo, bronquite, inanição... pestes aliadas às feridas causadas por armas de fogo assaltaram nossas vistas no momento em que adentramos nas enfermarias onde professores e alunos lutavam para minorar a dor dos que ainda sobreviviam. Os hospitais não pareciam o local do viver, mas sim do morrer.¹⁶ Soldados alucinados e delirantes corriam de um lado a outro do hospital procurando o que comer e o que beber. Fome, peste e guerra, ‘trinômio medieval’ que se reproduziu na Bahia dos últimos meses de 1897. E, ao finalizar a primeira parte do trabalho, presenciamos um encontro tenso entre os professores da Faculdade de Medicina e os membros do Comitê Patriótico da Bahia. A guerra emanava um ambiente constrangedor em que ninguém queria sentir-se ameaçado, muito menos, os médicos.

Dedicamos nosso segundo capítulo a discutir os motivos que levaram a FMB a entrar no confronto e quais os personagens que a acompanharam naquela empreitada. Como veremos, a morte do coronel Antonio Moreira César era parte de uma engrenagem, mas não o motor. O fracasso do coronel “corta-cabeças” estremeceu a nação, a imprensa, o governador, o presidente, mas para o diretor e para os integrantes da Congregação da Faculdade, o arraial de Canudos ainda não aparecia como emergencial.

O Ministério da Guerra precisava do apoio da Faculdade, mesmo com corpo sanitário em prontidão? Os professores e alunos da Faculdade precisavam de recursos do governador Luis Viana ou do presidente Prudente de Moraes para ganhar as caatingas e sentir o zunido da bala? Aliás, quem solicita a quem nesta trama? Quem é

¹⁶ Mais sobre o tema em DAVID, Onildo Reis. *O inimigo invisível: epidemia na Bahia do século XIX*. Bahia: EDUFBA, 1996.

protagonista e quem é coadjuvante? Estas são algumas perguntas que tentaremos responder em nosso segundo capítulo.

Aqui nessa segunda parte, localizamos os professores, as disciplinas que ministravam em sala de aula, seus relatórios narrando a relação com os feridos e doentes. Procuramos expor por onde andaram, o que fizeram, como fizeram, quem foram os alunos que lhes auxiliaram, quem foram os soldados tratados e se lhes faltaram ou não material para tratar os feridos. Mergulhamos nossa análise no clorofórmio para perceber as causas que morriam os oficiais e soldados, se de malária ou de projétil, e porque um se não o outro.

Este segundo capítulo também contempla a única enfermaria estruturada na cidade de Alagoinhas para receber e medicar os feridos civis de Canudos, ou seja, os(as) conselheiristas na condição de prisioneiras(os). Afora a extrema violência com que foram tratadas(os), procuramos saber quem esteve na enfermaria. Somente homens, ou mulheres, ou crianças? Quais as doenças que predominaram naquela unidade? Qual o destino dos(as) que lutaram pela liberdade?

A guerra significava o fim para alguns e o início para outros(as). Os alunos que chegavam do *front* à capital da Bahia, se apressavam para prestar seus últimos exames de final de ano. Antes de encaminhar nossa narrativa em direção à participação dos estudantes de Medicina e Farmácia na guerra (tema do nosso terceiro e último capítulo), alinhavamos alguns parágrafos por outros métodos de cura que não àquele da FMB. Na Bahia, como em outras capitais da República, o contexto da medicina acadêmica ou das artes de curar, eram tão complexos e plurais quanto o da guerra.

Como já indicado, a terceira parte de nossa dissertação apresenta a participação dos alunos da Faculdade na guerra. Procuramos descrever as implicações que levaram aqueles jovens a se lançarem ao interior do sertão com a consciência de que poderiam voltar ao lar ou não. Passo a passo entramos na Estação da Calçada em Salvador e - entre Queimadas, Cansação, Monte Santo e Canudos, em montarias - acompanhamos os estudantes e evidenciamos suas angústias na quadra do conflito.

Jovens acadêmicos, entorpecidos pelo pensamento republicano, pelo positivismo, porta-vozes de um setor da elite baiana, propagavam a idéia de um vilarejo repleto de *bandidos* e *fanáticos*. Alvim Martins Horcades, calouro de Medicina, expôs sua opinião sobre o combate e abordou republicanos e conselheiristas dizendo que

“... os soldados defensores das instituições republicanas contra as garras do fanatismo estóico de um grupo de irmãos degenerados pereciam em Canudos, não só victimados

pelas balas certas dos desviados da Lei, como também por lhes faltar um pouquinho de alento, de conforto e de alívio às chagas que traziam no corpo, abertas por estes desvairados, ao defenderem a causa santa da Pátria, da Ordem e da Lei.”¹⁷

No entanto, a este segmento social, nos interessamos por mais narrativas sobre a guerra, destacando o trabalho dos alunos que foram à frente de batalha quanto dos que permaneceram em Salvador. Ele apresentara uma outra representação do fenômeno *Canudos*. Na linha de fogo, figurava como membro da Faculdade de Medicina e, já que futuros médicos, como lidar com a malária, com a varíola, com a fome, com a sede, todos estavam longe dos laboratórios da Faculdade? Desertar? Permanecer na frente de batalha? Pegar em armas para segurança pessoal já que o Exército não cumpria frente aos defensores do Bello Monte?

O pernambucano Agostinho de Araújo Jorge, aluno quartanista do curso de Medicina, quando da quadra de Canudos, levava as lembranças da guerra para sua tese de doutoramento, defendida em 1899, dois anos após o combate. Intitulada *Contribuição ao estudo das águas potáveis – como meio productora e propagadora das moléstias infectuosas*, sua dissertação relata o descalabro pelo qual passaram as tropas do governo federal ante o bacamarte dos conselheiristas. Ainda o autor, como testemunha ocular, trouxe-nos aspectos pormenorizados das tropas enviadas a Canudos. O que sentiam e do quem sofriam os soldados e oficiais, e como seus colegas se comportaram em momentos cruciais da Campanha.

“Ao atravessar aquella villa [*Monte Santo*], onde me achava então dirigindo o Lazaredo dos variolosos, mais de um official foi victima da febre typhica. Tivemos ainda que lamentar o fallecimento, pelo mesmo mal de um bravo colega, sem que, todavia se podesse attribuir a água. Uns, esgotados pelas marchas, outros, minados por procedimentos anteriores em virtude dos quaes o organismo ficava depauperado e consequentemente em estado de receptividade, eram victimas desse mal...”¹⁸ [*grifo nosso*]

Um detalhe, se 62 alunos foram ao teatro da guerra, quem escreveu sobre o confronto? Os que voltaram se dedicaram a mostrar sua versão da guerra? Alguns silenciaram suas lembranças a respeito do que viram e ouviram? Como lidaram com as doenças? Conheciam os alunos o *mal das águas* ou procuravam os *vetores* em plena linha de fogo? Antonio Nicanor Martins Barbosa, que nada mencionara a respeito de sua experiência no Hospital de Sangue em Queimadas, unidade esta em que o sextanista

¹⁷ HORCADES, Alvim Martins. *Descrição de uma viagem a Canudos*. Bahia: EGBA-EDUFBA, 1996. p. 2.

¹⁸ JORGE, Agostinho de Araújo. *Contribuição ao estudo das águas potáveis – como meio productora e propagadora das moléstias infectuosas*. (1899). p. 42 e 43. In: AFMB – THESES. Código da tese: 099 – D.

do curso de Medicina trabalhara em auxílio dos médicos militares e enfermeiros, que por ali havia, destacou em sua tese de doutoramento que:

“Por muito tempo se acreditou, quando attribuiam ao contagio a natureza gazoza, ser por via do ar que se effectuava elle; mas as conquistas da bacteriologia têm deixado bem estatuído que os agentes pathogenos consubstanciados no vírus do contagio são elementos figurados, microorganismos, que se podem disseminar não só pelo ar, não também, e até com facilidade, pelos objectos contaminados ou pela água.

Outro meio freqüente de vehiculação dos agentes epidemigenicos consiste no contacto dos indivíduos com objectos contaminados, como peças do vestuário ou roupas do leito, instrumentos e objectos de curativos ou outros que estiveram em contacto com enfermos, e até o próprio médico ou enfermeiro, que podem desgraçadamente ser muitas vezes, na perfeita inconsciência do mal que vão causar, os portadores dos germes de moléstias epidêmicas, contra os quaes, etretanto, vibram abnegadamente as melhores armas de sua nobre profissão.”¹⁹

Aliás, este é um elemento em relevo dentro da terceira parte do trabalho. Para identificar os estudantes da FMB como participantes da *Guerra de Canudos*, bastou que seus nomes²⁰ figurassem em algum relatório dos professores, que fossem citados pelos militares, pelos jornalistas correspondentes de guerra, farmacêuticos em Campanha, através dos jornais tanto da capital baiana ou fora dela. Vasculhamos na lista de doutorandos do AFMB de 1897 e ainda pesquisamos cartas pessoais entre pais, mães e filhos combatentes. A partir desta coleta, elaboramos uma tabela que está na parte anexa ao trabalho.

Neste terceiro capítulo, identificamos o momento em que os estudantes chegaram aos Hospitais de Sangue do Exército e analisamos os primeiros traços do convívio entre alunos e médicos militares, destacando quais os resultados daquela troca. Nenhum aluno poderia atuar sem o consentimento de um médico do Exército. Aliás, o que sabiam os alunos sobre amputações, medicina militar, feridas por armas de fogo e extração de projétil? Entre a teoria e a prática da Faculdade baiana, em que ‘altura’ epistemológica estavam os acadêmicos?

As últimas páginas do nosso trabalho pretendem responder às perguntas anteriormente levantadas. Contudo, o nosso trabalho é lacunar e não um apanhado de frases afirmativas. Esperamos que esse trabalho interesse aos pesquisadores(as) dedicados a estudar o tema *Guerra de Canudos*, aos historiógrafos da Faculdade de Medicina da Bahia ou do Rio de Janeiro, porque não? Aos médicos do Exército, aos que ainda percebem um vazio nas histórias da soldadesca na linha de fogo... Nossos anexos

¹⁹ BARBOSA, Antonio Nicanor Martins. *Breves considerações sobre as epidemias*. (1897). p. 7 e 8. In: AFMB – THESES. Código da tese: 097 – C.

²⁰ GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1989. p. 174.

na parte final da dissertação servem para indicar horizontes. Ali os leitores(as) apostarão suas análises em ‘material bruto’ e identificarão o que não foi escrito e o que foi abordado de forma superficial.

Os anexos possuem o intuito de convidar os leitores(as) a mergulhar em cada enfermaria e tirar suas próprias conclusões. Olhar para o relatório dos professores da FMB e enxergar além do que apontamos. Todos os que assim procederem, sugerindo alterações e expondo críticas, estarão alargando ainda mais as margens da imensidão de *Canudos*. Este é nosso objetivo com o material que transcrevemos e refletimos no decurso de dois anos de Mestrado.

Boa leitura!

CAPÍTULO I

CANUDOS E A SALVADOR DOS MILITARES CONVALESCENTES

“...detalhes ainda não revelados ou esquecidos por alguns historiadores; e outros há que necessitam ser ampliados ou corrigidos para que se possa formar o quadro mais verdadeiro daquela tragédia social.”²¹

“Em nenhuma outra região do país ocorreu situação similar fosse porque havia maior liberdade de pensamento e circulação de idéias; fosse pelo fato do latifúndio não haver ocupado todo o espaço vital; por ser o Estado mais dadivoso, ou finalmente, porque a Natureza não se apresentava tão cruel.”²²

“Como tema histórico, Canudos está longe de ser o que Gilberto Freyre gostava de chamar, em sua linguagem de pintor, bananeira que deu cacho. (...)

Que a passagem dos 110 Anos da Guerra de Canudos evite o caminho apenas ruidoso de celebrações anteriores, e se faça motivo de estudo da cultura brasileira como Gilberto Freyre recomendava: com mais pontos de interrogação e menos pontos de exclamação.”²³

1.1. Um breve contexto

Canudos permanece com sua marca intocada e seu tempo incomensurável na história. O decurso de cada guerra, em qualquer tempo/espaço, projeta uma variedade de campos a serem estudados. Estratégias militares, contemplando fracassos e sucessos, economia com escassez ou fartura, imprensa tendenciosa ou não e fé cega na vitória são aspectos que rondam todo e qualquer combate, seja qual for o lado, dos que morrem ou dos que matam. No mais árido sertão ou na mais fria terra, isto é, tanto a guerra no sertão ou longe dali, permite ao historiador notar que “o passado é, por definição, um

²¹ SILVA, Alberto Martins da. *O Apoio de Saúde na Campanha de Canudos*. In: Rio de Janeiro: Revista do Exército Brasileiro. n. 127(1): 12 / 25, jan/mar, 1990. p. 12.

²² ARAS, José. *No sertão do Conselheiro*. Bahia: Contexto e Arte Editorial, 2003. p. 150.

²³ MELLO, Frederico Pernambucano de. *A Guerra total de Canudos*. São Paulo: A Girafa Editora, 2007. p. 19.

dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa.”²⁴

As histórias ao redor da Campanha travada no Belo Monte, em nenhum momento, durante seus 11 meses de existência, se esgotaram na historiografia dedicada aos fenômenos sociais da República Velha. A intensidade da peleja conselheirista e sua repercussão nacional preencheram os arquivos particulares e os públicos, de todos os dezessete estados da federação à época, mostrando que de uma guerra passa-se facilmente para várias guerras.

Nossa preocupação, neste momento, está em ler e reler documentos, abrir mais do que fechar lacunas, tatear um território extremamente sensível para a história do Brasil e da Bahia. Crentes em nossas limitações frente à vastidão documental que envolve a saga de Antonio Vicente Mendes Maciel ou, o peregrino Conselheiro, e seu séqüito, pretendemos expor mais uma narrativa, retomando *olhares* da contenda ocorrida no sertão baiano.

Para isso, utilizaremos recursos das diversas fases que envolvem a historiografia sobre o tema, como definiu José Calasans. Na análise do historiador sergipano, a historiografia dedicada a esmiuçar a vida de Antonio Conselheiro e seus seguidores divide-se em três fases. A primeira compreende o período de 1874 a 1902, isto é, desde o surgimento do beato cearense, na região de Sergipe, até a publicação de *Os Sertões*; a segunda fase, que se estendeu até a década de 50 do século XX, está marcada pela hegemonia euclidiana, ou seja, a gama de interpretação sobre o episódio de Canudos que nascia a partir de Euclides da Cunha; e, a última fase, em que José Calasans define onde “se iniciou uma revisão do assunto com pesquisas esclarecedoras, à luz de modernas contribuições de feição histórica e sociológica.”²⁵

Inicialmente, cabe destacar que nossa sensação ao estudarmos as histórias do povo belomontense, está muito perto do depoimento de Manuel Figueiredo, enviado ao palco das operações pelo periódico carioca *A Notícia* e, naturalmente, uma testemunha ocular da refrega. Segundo o correspondente, “cada homem, soldado ou paisano que regressa de Canudos, conta a sua história, boa ou má, feia ou bonita conforme a índole

²⁴ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. p. 75.

²⁵ CALASANS, José. *Canudos não-euclidiano – Fase anterior ao início da Guerra do Conselheiro*. In: SAMPAIO Neto, José Augusto Vaz; SERRÃO, Magaly de Barros Maia; MELLO, Maria Lucia Horta Ludolf e URURAHY, Vanda Maria Bravo. *Canudos – Subsídios para sua reavaliação histórica*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986. p. 1.

do portador.”²⁶ A dúvida permanente será o fio condutor do nosso trabalho porque, “o historiador, por definição, está na impossibilidade de ele próprio constatar os fatos que estuda.”²⁷

Antonio dos Mares, Antonio Conselheiro, Santo Antônio Aparecido ou simplesmente, *peregrino*, como também podia ser chamado, catalisou em seu entorno, milhares de sertanejos em busca de liberdade e melhores condições de vida. Logo, “Canudos acabou se constituindo na materialização do sonho sertanejo”²⁸, reunindo pessoas e histórias caras à historiografia nacional. Sua devotada andança pelos recônditos sertões de Sergipe, Ceará, Pernambuco e Bahia lhe rendeu amigos e inimigos.²⁹

Na gênese da República brasileira, os projetos políticos eram limitados³⁰, o Exército, então no poder, encontrava-se desorganizado, parte significativa do território nacional permanecia alheia às autoridades e um setor da Igreja não compreendia o universo da caatinga³¹. Essas carências foram evidenciadas em Canudos e são alguns dos motivos da extensão de sua importância. Numa expressão de nossa parte, talvez exagerada, foi a guerra que desnudou as mazelas do Brasil republicano, ou melhor, a do país das oligarquias.

Há *guerras* dentro da guerra, por conseguinte, há Canudos dentro de si mesmo. A imprensa brasileira no fragor da Campanha, dedicada a expor sua pena por sobre a “tróia de taipa”, subscreveu, com mais uma série de segmentos sociais, o reduto do Belo Monte como uma horda de bárbaros, fanáticos e bandidos, porque se a história deve ser vista em várias dimensões³², essa foi a adotada pelos jornais que forneciam as notícias da guerra a uma pequena parcela da população brasileira, a dos que sabiam ler.

A primeira ponta biográfica do peregrino cearense está no jornal sergipano *O Rabudo*, periódico crítico, chistoso, anedótico e noticioso, “o jornalista d’O Rabudo levanta a suspeita de haver o peregrino cometido algum crime, sendo a singularidade do seu modo de viver uma forma de penitência, se não um meio de fugir à ação da

²⁶ Carta escrita em Monte Santo, 25 e julho de 1897. Publicada no periódico carioca em 6 e 7 de agosto de 1897. In: GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). (1994). Op. cit. p. 409.

²⁷ BLOCH, Marc. (2002). Op. cit. p. 69.

²⁸ VILLA, Marco Antonio. *Canudos – o povo da terra*. São Paulo: Ática, 1995. p. 83.

²⁹ CALASANS, José. (1997). Op. cit. p. 43.

³⁰ CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados – O Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3ª edição. São Paulo: Cia. das Letras, 1999. p. 24 e 25.

³¹ OLIVEIRA, Wálney da Costa. *Sertão virado do avesso: a República na região de Canudos*. Bahia: UFBA – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. (Dissertação de Mestrado). 2000. p. 24 e 25.

³² BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 176. 1ª edição em 1969.

Justiça.”³³ Vinte e três anos de imprensa no Brasil, isto é, período que comporta desde o aparecimento do beato (1874) à sua morte (1897), ao menos um parágrafo que fosse, ininterruptamente, os jornais condenaram o arraial.

Nesse espaço temporal, anônimos de rodapé, escritores, bacharéis, academias de medicina e direito, militares e intelectuais, compactuaram numa só direção: “Canudos é apenas um acidente monstruoso das aluviões morais do sertão...”³⁴. Os correspondentes dos periódicos *Estado de São Paulo*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Comércio*, *O País*, *A Notícia*, para citarmos alguns trabalhados por Walnice Nogueira Galvão³⁵, disputaram com *mannlichers* e *comblains* um lugar ao sol, parte significativa daqueles periódicos com a incumbência de projetar em Canudos o espaço da anti-república.

O prestígio do Conselheiro com seus seguidores retroalimentava-se de acordo com as acusações que sofria. A população do Belo Monte formara-se em virtude das secas, da fome e da fuga ao mandonismo dos coronéis, dentre outros fatores. Todos esses aspectos, levados às últimas consequências, permitiram que o arraial se estruturasse de forma oposta ao Brasil.

Numa breve panorâmica pela economia e pela política baiana no final do século XIX, pode nos auxiliar na compreensão do crescimento desta região do semi-árido baiano. Para isso, lançaremos mão de alguns autores que se dedicam a estudar o contexto que delineava a Bahia durante o final do Oitocentos. Para Aldo José Morais da Silva, em seu estudo sobre a formação do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, fundado em 1894, houve uma série de elementos que influenciaram a Bahia a permanecer na retaguarda econômica e política do ‘Brasil cafeeiro’.³⁶

No transcorrer da República Velha (1889 – 1930), o estado da Bahia mostrava-se pouco diferente quando comparado com a estrutura econômica da fase imperial. Especificamente sobre a economia baiana do pós-proclamação, ainda persistiam as características, tanto da fase colonial quanto imperial, ou seja, dependência dos mercados internacionais, economia interna deficitária e uma precária relação de

³³ CALASANS, José. (1986). Op. cit. p. 2.

³⁴ Texto de Ruy Barbosa. In: HOORNAERT, Eduardo. *Os anjos de Canudos – uma revisão histórica*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998. p. 90.

³⁵ GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais – 4ª expedição*. 3ª edição. São Paulo: Ática, 1994.

³⁶ SILVA, Aldo José Morais. *Instituto Geográfico e Histórico da Bahia – origem e estratégias de consolidação institucional (1894-1930)*. Bahia: UFBA – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. (Tese de Doutorado). 2006. p. 35 a 49.

comunicação entre suas regiões, o que, conseqüentemente limitava a gestação e, por conseguinte, a dinamização de um mercado interno.³⁷

Na transposição de uma desaceleração econômica, já que suscetível e dependente, à uma remodelação político-social, “dá-se uma acomodação tácita dos diferentes setores sociais, o que implicou na preservação das práticas, valores e instituições presentes na Bahia imperial...”³⁸ E, posteriormente, quando da extensão da crise, complementa dizendo que, “...em fins do século XIX, cerca de 90% da população soteropolitana encontrava-se em condição de pobreza, sendo bem provável que esse índice possa ser estendido às demais regiões do estado.”³⁹

O Brasil, guardadas as nuances respectivas, não fugiu às características da província anteriormente descrita. O período colonial e imperial permanecera política e socialmente delineado na recém proclamada república. Um abismo separava duas classes: de um lado, senhores de engenho, bacharéis, titulares da nobiliarquia do regime deposto, fazendeiros e aristocratas, todos vivendo à base da produção do outro lado, composta massivamente por ex-escravos, agregados do latifúndio e, em menor escala, dos trabalhadores citadinos.⁴⁰

Dentro de uma proporção entre o *nacional* e o *local*, estreitam-se, para nós, no que diz respeito à dimensão fundiária do Brasil, a manutenção de uma mão de obra que, apesar de livre, acumulava traços de escravidão, à continuidade de uma teia de prestígios seculares, dentre outras similitudes. Bahia e Brasil carregavam os mesmos traços. Na opinião de Marco Antonio Villa,

“...os últimos anos do Império e os primeiros da República representavam, para a Bahia, um momento de estagnação econômica com evidentes reflexos na política regional. As intestinas lutas pelo poder, a constante tensão, a alta rotatividade no governo do Estado – de 1889 a 1892 foram sete governadores em menos de dois anos e meio – demonstram a enorme dificuldade da oligarquia baiana de estabelecer um projeto político estável. Com o esvaziamento econômico foram reforçados os laços de dominação, principalmente no campo, impedindo o paulatino estabelecimento de uma ordem pública que reduzisse o poder privado dos latifundiários.

A presença permanente da seca e a ausência de uma política pública para enfrentá-la, as constantes divergências intra-oligárquicas – que se intensificam no momento das eleições – transformaram o período em um martírio permanente para a população sertaneja. Os grandes temas nacionais (República, federalismo e outros) somente interessavam à elite, pois passavam ao largo das questões essenciais à sobrevivência dos sertanejos. O novo regime, na medida em que aprofundou os conflitos entre os

³⁷ FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro de. “*Eu vou para Bahia*”: a construção da regionalidade contemporânea. Bahia: ANÁLISE & DADOS. v.9. n. 4. 2000. p. 26.

³⁸ SILVA, Aldo José Morais da. (2006). p. 35.

³⁹ Idem. p. 60.

⁴⁰ MELLO, Frederico Pernambucano de. (2007). Op. cit. p. 38.

dominantes pelo controle da res publica, representou para a sofrida população rural uma intensificação da exploração econômica.”⁴¹

Pelos estudos contextuais até aqui apontados, na Bahia o ambiente mostrava-se convidativo a uma série de protestos. Fosse no interior ou em Salvador, a população que estava sujeita aos mandos e desmandos das oligarquias e das autoridades na capital, organizaram formas de resistência das mais variadas. Mais um detalhe no âmbito político-social nos traz a historiadora Consuelo Novais Sampaio,

“..., enquanto a República prenunciava prosperidade econômica e renovação política para o Centro-Sul do país, para o Nordeste, e para a Bahia em particular, ela significava, aos olhos das elites, agravamento do marasmo econômico, perda de prestígio político e ameaça de conturbação política e social.

..., a massa da população, na base da pirâmide, vivia em miseráveis condições de vida. A maioria esmagadora desse estrato inferior encontrava-se na zona rural, trabalhando sob condições semi-serviis, ou numa situação mista de assalariado e pequeno agricultor. As formas precedentes de escravidão fora substituídas pela subordinação econômica e submissão pessoal, agravada pelo aprimoramento das relações paternalísticas sob novo regime republicano. As migrações rurais, constantes em todo o período, contribuíram para agravar o problema da mão-de-obra no campo e para engrossar a população marginalizada das cidades, principalmente na Capital. (...), a maioria esmagadora da camada inferior da sociedade era constituída de analfabetos e, segundo as regras elitistas do jogo político, estava impedida de manifestar-se politicamente, através do voto.”⁴²

Das análises aqui apresentadas, destacam-se mais alguns elementos retilíneos: crise econômica, conturbadas relações sociais, consecutivas migrações causadas pelas secas e, conseqüentemente, fome crônica de milhares de famílias sertanejas. Esse contexto pode nos servir de explicação para o vertiginoso crescimento do vilarejo instituído no interior da Bahia.

1.2. Algumas Canudos

A cidadela de Antonio Vicente projetava-se como a antítese dos fragmentos acima alinhavados. Escolas, equilíbrio na distribuição da produção⁴³, economia

⁴¹ VILLA, Marco Antonio. (1995). Op. cit. p. 127.

⁴² SAMPAIO, Consuelo Novais. *Partidos Políticos da Bahia na Primeira República – uma política da acomodação*. Bahia: EDUFBA, 1999. p. 32 e 40.

⁴³ MACEDO, Nertan. *Memorial de Vilanova – o depoimento do último sobrevivente da Guerra de Canudos*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1964. Nas palavras do depoente Honório Vilanova à Nertan Macedo: *Grande era a Canudos do meu tempo. Quem tinha roça tratava da roça, na beira do rio. Quem tinha gado tratava do gado. Quem tinha mulher e filhos tratava da mulher e dos filhos. Quem gosta de rezar ia rezar. De tudo se tratava porque a nenhum pertencia e era de todos, pequenos e grandes, na regra ensinada pelo Peregrino*. p. 67. Ver também BOMBINHO, Manoel Pedro das Dores. (2002) Op. cit. p. 199. *Era rico o sertão de Canudos / Roças e mandioca em quantidade / Muita carne frita e até feijão / Havia ali é isso uma verdade*. verso nº. 262.

dinamizada⁴⁴, entendimento direto com as lideranças do Belo Monte⁴⁵, faziam dali uma esperança para uns que nada desejavam a não ser a defesa de seu mundo e, para outros, uma desesperança, que nada desejavam se não a destruição daquele mundo.

Há na historiografia dedicada a Canudos, estudos que percebem as unhas da politicalha da República dos coronéis na região do semi-árido. As altercações dentro das Assembléias e dos gabinetes dos senadores – vianistas, gonçalvistas, geremoabistas, florianistas golpistas e republicanos de última hora – disputavam a fama do arraial com o objetivo de enfraquecer algumas das partes na refrega pelo poder, fosse ele central ou local.⁴⁶

Em muitos momentos, no decorrer das quatro expedições militares contra os conselheiristas, vários políticos foram acusados de respirar ares monarquistas e seriam supostos adeptos do Bom Jesus. Wálney da Costa Oliveira, em sua análise sobre o episódio do Belo Monte, aponta que parte significativa da visibilidade do fenômeno Canudos, “está relacionada às transformações ocorridas com a instalação da República, em sua relação com a reordenação administrativa, que não entrou em conflito com a manutenção do sistema local de poder e desenrolou-se em meio a uma crise econômica que acentuou os conflitos sociais.”⁴⁷ O mesmo autor menciona, ainda em suas linhas, um outro tema peculiar à saga de Antonio dos Mares e seus conflitos, “a inserção do Conselheiro no cotidiano do sertão está relacionada com os vazios deixados pela Igreja nos sertões. Essas populações vivendo em precárias condições materiais, sem apoio institucional, viam-se, também, abandonadas pela religião...”⁴⁸

Do Relatório do missionário capuchinho João Evangelista Monte Marciano à inserção nas missas campais, alguns representantes da Igreja exerceram quase que uma capelania castrense durante a Campanha de Canudos, abençoando aos que lá morriam

⁴⁴ Mais aspectos sobre o tema em PINHEIRO, José da Costa. e VILLA, Marco Antonio. *CALASANS – um depoimento para a história*. Bahia: UNEB – Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC), 1998. p. 42. Segundo o depoente: *A maioria dos proprietários da região mantinha boas relações com o Conselheiro, a não ser o Coronel José Américo, que tomou posição contra o Conselheiro, os outros não! O Macambira é um homem de recursos. Outra coisa, o Antonio da Mota e o Macambira mantiveram relações comerciais com Juazeiro, com Monte Santo, com Santa Lúcia. O chefe lá de Santa Lúcia, Coronel Zé Leitão, mantinha contato com Canudos, porque estava em paz com o Conselheiro.*

⁴⁵ CALASANS, José. (1986). Op. cit. p. 36, 37 e 38. Ver também em BOMBINHO, Manoel Pedro das Dores. *Canudos, história em versos*. Op. cit. 267. *Pajeú, João Abade e Vilanova / João Francisco, Fogueteiro e Macambira / Quadrado e outros generais / Que ao Conselheiro confiança lhes inspira*. verso nº. 127.

⁴⁶ SAMPAIO, Consuelo Novais (org.). *Canudos – Cartas para o Barão*. 2ª edição. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 35.

⁴⁷ OLIVEIRA, Walney da Costa. (2000). Op. cit. p. 10 a 17. Neste trabalho o autor faz uma interessante análise do jogo das oligarquias baianas com Canudos, apontando-o como o motivo do fracasso da segunda expedição sob o comando do major Febrônio de Brito.

⁴⁸ Idem. p. 23.

ou matavam. Ali, naquela região, a Igreja estava distante das dificuldades sertanejas e, portanto, alheia às suas providências. Deste modo ficava mais próxima dos acampamentos militares e, conseqüentemente, da República.

Imagem - 1

MISSA CAMPAL EM CANSANÇÃO



FONTE: ALMEIDA, Cícero Antonio F. de. *Canudos: imagens da guerra*. Rio de Janeiro: Museu da República/Lacerda Editores, 1997. p. 96 e 97.

Afora a imagem acima – emblemática pela presença do ministro da guerra Carlos Machado Bittencourt, do general Carlos Eugênio de Andrade Guimarães e do escritor Euclides da Cunha – os relatos da presença e serviços da Igreja em coligação com o Exército, tanto no campo das operações militares quanto na capital baiana, são variados. O farmacêutico e jornalista Amaro Lélis Piedade, secretário do Comitê Patriótico da Bahia em Cansanção (ver mapa no Capítulo III) sentia-se “cada vez mais entusiasmado com os estudantes de medicina e os frades que auxiliavam tão espontaneamente o Comitê.”⁴⁹ Mais exemplos acerca do envolvimento da Igreja na

⁴⁹ PIEDADE, Lélis (Coordenador). (2002). Op. cit. 158.

Campanha de Canudos, cabe mencionar o relatório da Santa Casa no ano da guerra em que,

“Com relação a crise aguda porque passaram os feridos na lucta de Canudos, no anno de 1897, de que ainda conservamos viva lembrança pela successão de factos lamentáveis que se deram nesta Capital, devo dizer-vos; não foi indifferente a Santa Casa, considerando que estavam repletos de enfermos os hospitais militar e outros abertos pelo Governo, pôz a Mesa a disposição do E^{xm}. Sr. General Commandante do Districto vinte logares no Hospital Santa Izabel para tratamento de praça de Linha daquella procedência...”⁵⁰

Por outro lado e, ainda, na mesma *margem religiosa*, vigários como Antonio Agripino da Silva Borges e Vicente Sabino dos Santos, esse último, integrante da missão de Monte Marciano em maio de 1895, abriram, de quando em vez, suas portas para o ofício de Antonio Maciel. José Calasans, após intensa pesquisa sobre as construções e reconstruções de igrejas e cemitérios feitas por Antonio Conselheiro e seus seguidores, comenta que “choviam os pedidos dos pontos mais distanciados, não sendo alheios aos mesmos os próprios vigários das freguesias, que faziam concessões ao Bom Jesus Conselheiro, permitindo mesmo suas pregações.”⁵¹

Como podemos notar, as dimensões da história do Belo Monte são diversas. Há, a nosso ver, um aspecto interessante na atmosfera que delineia a Campanha sertaneja. Se existe, qual é o *pano de fundo* que compôs a luta no sertão? Num detalhe súbito, o personagem, ou melhor, os agentes ali envolvidos, que desenham um plano secundário, podem passar à prioridade da trama, como já destacado, *de acordo com a índole do portador*. Deste modo, compactuamos com a idéia do historiador francês em que “...a história se nos aparece como um espetáculo fugidivo, movediço, feito do entrelaçamento de problemas inextrincavelmente misturados e que pode tomar, alternadamente, cem aspectos diversos e contraditórios.”⁵²

Cada narrativa, longe de questioná-la como real ou irreal, *oficial* ou não, seja ela a do mais valente conselheirista ou a do mais destacado militar, carrega no seu bojo vicissitudes e virtudes inerentes ao palco das operações. Em meio a uma teia de informações, ou seja, defronte de um quebra-cabeça, “a história não traz mais (nem menos) um conhecimento verdadeiro do real..., é absolutamente ilusório querer classificar e hierarquizar as obras dos historiadores em função de critérios

⁵⁰ CAMPOS, Manoel de Souza. *RELATÓRIO APRESENTADO A MESA E JUNTA DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DA CAPITAL DO ESTADO DA BAHIA – biênio 1897 – 1898*. Bahia: 1899. p. 10 e 11.

⁵¹ CALASANS, José. (1997). Op. cit. p. 63.

⁵² BRAUDEL. Fernand. (2005). Op. cit. 22.

epistemológicos indicando sua maior ou menor pertinência para dar conta da realidade passada...”⁵³.

Manoel Pedro das Dores Bombinho, João de Souza Cunegundes, João Melchiades Ferreira da Silva e José Aras, dentre outros, formam, outrossim, mais uma dimensão do combate travado na cidadela belomontense, a dos versejadores sobre as agruras da Campanha. Dentre as coletas efetuadas por José Calasans que, “dir-se-ia que versejar ajuda a combater”⁵⁴, esses poetas e suas frases versadas foram de um lado a outro do litígio sertanejo. Alguns satirizaram as tropas republicanas e seus líderes, outros abordavam em suas sentenças as atitudes adotadas pelo governo baiano e federal e há, também, aquelas dedicadas à grei do Conselheiro.

“As guerras têm representado um desafio permanente para os escritores, não só para os que se dedicam à história - nos primórdios, simples crônica de tratados e batalhas, como sabemos - senão para tantos ficcionistas, até mesmo poetas, que se deixando atrair pela exacerção de energias humanas que os conflitos provocam, vão encontrar no extraordinário dessas circunstâncias o impulso para o seu projeto nas letras.”⁵⁵

No *calor da hora* ou na memória, suas frases *historiaram* a saga de Vicente Maciel e seu séquito e, se a memória tem sua história⁵⁶, aceitamos a noção do historiador inglês de que “a função do historiador é ser o guardião da memória dos acontecimentos públicos quando escritos para proveito dos atores, para proporcionar-lhes fama, e também em proveito da posteridade, para aprender com o exemplo deles.”⁵⁷

1876 e 1893. No primeiro momento, na região do Itapicuru de Cima, o Bom Jesus Conselheiro foi preso e encaminhado a Fortaleza. No segundo, já na última década do século XIX, ocorreu o retorno do asceta cearense à Canudos. Entre aqueles dezessete anos, alguns choques ocorreram entre conselheiristas e as forças militares enviadas ao interior da Bahia.

“... ao atrair o trabalhador rural com sua prédica – falando-lhes o que queriam e tinham necessidade de ouvir – e oferecendo-lhes terras férteis às margens do Vaza-Barris, Antonio Conselheiro contribuiu para que as fazendas e povoados circunvizinhos praticamente se esvaziassem, sem que os fazendeiros nada pudessem fazer.”⁵⁸

⁵³ CHARTIER, Roger. *A história hoje: dúvidas, desafios, propostas*. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos. Volume 7. n. 13, 1994. p. 106. Site:

http://www.cpdoc.fgv.br/revista/asp/dsp_edicao.asp?cd_edi=31 Acesso em: 11/10/2008.

⁵⁴ CALASANS, José. *Canudos na literatura de cordel*. São Paulo: Editora Ática, 1984. p. 2.

⁵⁵ MELLO, Frederico Pernambucano. (2007). Op. cit. p. 71.

⁵⁶ LE GOFF, Jacques. *Memória – História. Vol.1*. Lisboa: Enciclopédia Einaudi. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, nov. /1985. p. 44.

⁵⁷ BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 69.

⁵⁸ SAMPAIO, Consuelo Novais. (2001). Op. cit. p. 35 e 36.

A ressonância das pregações de Antonio Vicente sobre a cobrança de impostos, as denúncias a respeito da dessacralização do novo regime em vigor e, sobretudo, o expressivo crescimento de seu grupo, que, para o arraial acorria, caminhavam em direção contrária aos interesses dos chefes locais.

1.3. A fagulha

A ampliação do arraial, gradativamente, carecia da construção de mais casas e, coerentemente, de mais igrejas. É corrente na literatura sobre a saga do Belo Monte, a presença de diversos comerciantes que espriaram seus contatos e produtos pelo sertão baiano. Fosse em Canudos ou em suas adjacências, lá estavam eles negociando couro, carne, fumo, farinha e madeira. Esse último artefato tornara-se de singular importância para Conselheiro cumprir seus objetivos e promessas: terminar a construção da Igreja do Bom Jesus em Canudos.

Para efetuar o compromisso, Joaquim Macambira, à solicitação do peregrino, negociara e pagara adiantado o referido material [a madeira] nas mãos de João Evangelista Pereira e Mello, outro comerciante da cidade de Juazeiro. Todavia, não havia se efetivado a entrega. As intervenções do juiz de Direito da Comarca de Juazeiro, Arlindo Leoni (antigo desafeto do Conselheiro), contra a emissão da madeira e sua missiva boateira ao governador Luiz Viana, levaram a um só ponto: a primeira expedição militar em direção ao vilarejo; ocorria, assim, a seis de novembro de 1897. Esta primeira força de combate fora estadual, mas como veremos a seguir, a resistência dos conselheiristas em defender o arraial implicara na inserção de todo o Exército nacional daquele final do Oitocentos.

Frederico Pernambucano notou, em seu estudo sobre aquela guerra, que os militares não se depararam com um homem fanático alheio a tudo, mas com um místico de inteligência superior. Ali homens, mulheres, velhos(as) e crianças defendiam seu espaço que, de acordo com o autor, era “uma cidadela escolhida com perfeição, uma vez que afastada dos outros burgos, além de servida pelo rio Vaza-Barris e por inúmeras estradas por onde fluía uma viva cadeia de abastecimento.”⁵⁹

Entre as diversas dimensões da guerra, surgiu outra, a Canudos vista pelo exército, ou melhor, a história das expedições militares. À tropa do tenente Manuel da Silva Pires Ferreira, responsável pela primeira batalha travada em Uauá (localizada a

⁵⁹ MELLO, Frederico Pernambucano de. (2007). Op. cit. p. 86.

110 km de Canudos), em 21 de novembro de 1896, acoplava-se *soldados mercenários*⁶⁰, falta de conhecimento topográfico da região, frugal estratégia militar, além de outras precariedades. Sua vitória mostrava-se também restrita por haver nessas regiões contíguas ao Belo Monte, uma população reticente às forças policiais e, logo, amistosa ao Conselheiro. Isso sem falar que estavam, os cerca de 100 praças do 9º Batalhão de Infantaria, lutando contra exímios conhecedores das reentrâncias da caatinga sertaneja e que, no arraial do Bom Jesus, reconstruíram suas vidas e identidades, livres do mandonismo coronelista e distantes da miséria reinante.

Dentro da milícia, sob o comando do tenente Pires Ferreira, seca, fome e doenças de toda ordem acometeram seus soldados e, como na maior parte dos ambientes aquartelados em luta, “a guerra entre a doença e os médicos, travada no campo da batalha da carne, tem começo e meio, mas não tem fim.”⁶¹ Ali, de acordo com o relatório do dr. Antonino Alves dos Santos [médico da primeira expedição], os ferimentos provocados por armas de fogo dividiram os espaço com a beribéri, disenteria, diarreia, febres, dentre outras enfermidades em meio às más condições higiênicas e à escassez dos meios urgentes para o tratamento dos feridos e doentes.⁶²

“Foi acabar com Canudos
A primeira expedição
Do tenente Pires Ferreira
Que chegando ao sertão
Foi ferido com os praças
Voltou sem ganhar ação.”⁶³

Debelada esta expedição, o major Febrônio de Brito, após nomeação do governador Luis Viana, organizou uma outra investida com cerca de 600 praças, 10 oficiais, um médico [dr. Edgar Henrique Albertazzi], um enfermeiro, um farmacêutico, canhões alemães e metralhadoras inglesas.

Nesta ocasião, o comandante da segunda expedição foi autorizado a despender por conta do Estado o que julgasse necessário para o bom desempenho da empreitada. Deslocar-se de Salvador, passar por Queimadas e chegar a Monte Santo, seria o itinerário do major Febrônio entre 25 e 26 de novembro de 1896, mas assim não

⁶⁰ ARARIPE, Tristão de Alencar. (1985). Op. cit. p. 13.

⁶¹ PORTER, Roy. *Das tripas coração – Uma breve história da medicina*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004. p. 15.

⁶² SANTOS, Antonino Alves dos. *Memória da diligência a Canudos*. doc. 17. Bahia: CEB – Núcleo Sertão. doc. n. 17.p. 7. Outro elemento deste relatório é a relação entre este médico e o tenente Pires Ferreira, pois perseguição, fuga e suicídio há entre o convívio entre eles na quadra de Canudos.

⁶³ CUNEGUNDES, João de Souza. *A Guerra de Canudos no sertão da Bahia*. Rio de Janeiro: Livraria do Povo, Quaresma & Cia. Livreiros Editores, 1897. In: CALASANS, José. (1984). Op. cit. p. 27.

procedera. Freado em Cansanção pelo general Frederico Solon Sampaio Ribeiro, comandante do 3º Distrito Militar, sob alegação de que a tropa não possuía víveres e água suficientes para marchar até Canudos, Febrônio ficou cinquenta dias preso ao litígio missivista entre este general, o governador Luis Viana e o ministro da Guerra à época, general Dionísio Cerqueira, ex-combatente da Campanha do Paraguai. As altercações sobre quebra de hierarquia, civilismo *versus* militarismo e centralismo ou autonomia de Estado, desembocaram em um só lugar: primeiro, no afastamento do general Solon Ribeiro; e, segundo, no re-início da marcha até Canudos.

Talvez o general Solon Ribeiro, genro de Euclides da Cunha, tivesse razão. De 18 a 20 de janeiro de 1897, horas intercaladas de batalha na Serra do Cambaio e um resultado: o major Febrônio concluiu que não poderia sustentar a peleja; e, consultando a opinião dos oficiais que serviam sob seu comando, resolveu pela retirada em direção a vila de Monte Santo, onde iria aguardar ordens, requerer conselho de guerra e pedir quem o substituísse na malsucedida expedição.⁶⁴

Além da formação de piquetes entre os conselheiristas como estratégia de guerra, o terreno só por eles conhecido, a extrema coragem do povo do Belo Monte; a permanente falta de munição e a fome entre os soldados republicanos foram alguns dos fatores elencados por Febrônio de Brito em ata lavrada, ainda no campo das operações, para explicar sua derrota. Analisando a estratégia conselheirista

“... segundo tudo indica, buscou [*o conselheirista*] atrair o inimigo para as proximidades do arraial para daí infligir uma grande derrota ao Exército, depois de tê-lo enfraquecido na travessia do Cambaio. A vitória oficial aparente não passou de um estratagem dos conselheiristas, que não tinham homens e, principalmente, armas suficientes para a luta aberta. O corpo-a-corpo só ocorreu depois do debilitamento físico e psicológico do Exército, onde o uso das trincheiras, naturais em sua maioria, e dos franco-atiradores serviam como importante elemento de desgaste.”⁶⁵ [*grifo nosso*]

Ante o descalabro das tropas, o presidente da República em exercício, o médico baiano e professor Manoel Vitorino Pereira – irmão do diretor da Faculdade de Medicina da Bahia à época, dr. Antônio Pacífico Pereira – nomeou o coronel paulista Antonio Moreira César para comandar a terceira expedição a Canudos. A propósito, veremos no próximo capítulo a relação entre médicos e o Estado, entrelaçados ao conflito travado no interior da Bahia.

1.4. O recrudescimento do cerco

⁶⁴ MILTON, Aristides A. (1979). Op. cit. p. 52.

⁶⁵ VILLA, Marco Antonio. (1995). Op. cit. p. 154.

Entre 1869, então com 19 anos, e 1892, com 42 anos, Antonio Moreira César recebeu diversas patentes dentro da corporação militar. Alferes-aluno, alferes, capitão, tenente-coronel e, por fim, coronel, em 1892. Sua reputação – sobretudo na atuação da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul e na Revolta da Armada no Rio de Janeiro, na primeira atuando ao lado do grupo castilhistas e, na segunda, atendendo ao marechal Floriano Peixoto – deveu-se às degolas praticadas nas batalhas campais por onde passara, desta forma metamorfoseou-se como *herói* da República.

Conforme estudo biográfico sobre Antonio Moreira César, no momento do seu desembarque em Salvador, em 06 de fevereiro de 1897, alguns populares curiosos se prontificaram no porto para receber os hóspedes de farda, mas foram inesperadamente ‘convocados’ pelo coronel a carregar nas costas as bagagens e apetrechos de campanha; os casos de recusa, foram esbordoados a pranchadas.

Nas palavras de Oleone Coelho Fontes, naquele mesmo dia, no Arsenal da Marinha, o coronel ordenou que o serviço de descarga fosse feito pela tripulação do saveiro apinhado de material bélico e não por seus soldados. Todavia, mais uma recusa, e mais uma sessão de pranchadas, o que gerou uma série de protestos por parte dos que foram castigados.⁶⁶ Desta forma, a tônica predominante do baluarte armado da República era o uso desenfreado da violência, fosse no litoral ou no sertão, fossem eles conselheiristas ou não.

O coronel comandava 1200 homens, sendo 700 de infantaria, armados a fuzil Mannlicher, um esquadrão de cavalaria, bateria de artilheiros com quatro canhões krupp de 7,5 cm, um comboio a cargo de 200 praças de polícia da Bahia, armadas, estas, a fuzil comblain, além de corpo médico (2 capitães), estratégico (2 engenheiros) e uma milícia composta “sem a robustez necessária para o serviço militar, pela falta de desenvolvimento e pouca idade de outros...⁶⁷ Se noviços, por conseguinte, inexperientes. Mais sobre este assunto (faixa etária dos praças) consta que, – numa comunicação escrita pelo general Artur Oscar de Andrade Guimarães e dirigida ao marechal Carlos Machado Bittencourt (ministro da guerra), datada de 22 de agosto de 1897 – quando da marcha dos soldados em Canudos, muitos ali eram principiantes no uso e manejos das armas.⁶⁸

⁶⁶ FONTES, Oleone Coelho. *O Trem-terra – Moreira César, a República e Canudos*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996. p. 33.

⁶⁷ BENÍCIO, Manoel. (1997). Op. cit. p. 125 e 126.

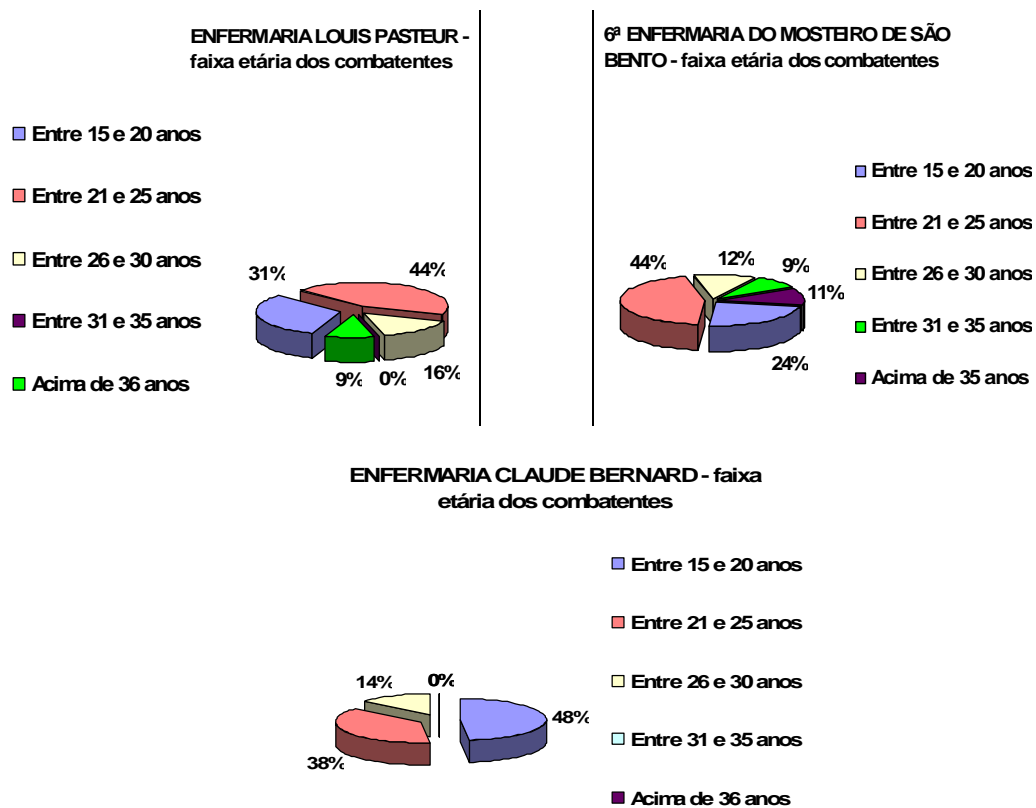
⁶⁸ RMG – 1898. p. 2.

O historiador Jorge Prata de Souza, ao estudar a qualidade da saúde dos recrutados à Campanha do Paraguai através dos mapas de inspeção dos médicos da Marinha, revela-nos, igualmente, mais informações a respeito da idade dos alistados à linha de fogo. O autor menciona que “quanto a faixa etária, dos 940 inspecionados, havia praças de 9 a 60 anos, entretanto, a concentração etária estava entre 15 e 29 anos...”⁶⁹

Vinte e sete anos após o conflito do Prata, mais enfermarias na capital baiana e, deste modo, mais informações sobre os jovens recém chegados aos quartéis. O gráfico abaixo representa três mapas das enfermarias montadas pelos professores da Faculdade de Medicina da Bahia durante a luta no arraial do Conselheiro: a primeira contou com 32 entrados; a segunda, 132 e, a última, 29. Dentre os feridos por arma de fogo e doentes, notamos que, apesar da distancia contextual entre Paraguai e Canudos, a concentração etária pouco se modificara.

Gráfico – 1

FAIXA ETÁRIA DOS COMBATENTES



⁶⁹ SOUZA, Jorge Prata de. *As condições sanitárias e higiênicas durante a Guerra do Paraguai*. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; & CARVALHO, Diana Maul de. Uma história brasileira das doenças. DF-Brasília: Edição Paralelo 15, 2004. p. 58.

Voltemos à saga do “corta-cabeças”. De Salvador, passando pela vila de Queimadas e com destino à vila de Monte Santo, na manhã de 18 de fevereiro, o coronel Moreira César foi acometido de uma convulsão epiléptica. Não obstante, o coronel retomou a marcha. Seguindo viagem, “quatro dias depois, rumo a Canudos, um novo ataque de epilepsia, mais violento que o primeiro, obrigou o coronel a um repouso.”⁷⁰

Deslocando suas tropas em jornadas curtas, longos descansos e nada de precipitação, o “treme-terra” chegara ao Rancho do Vigário, localizado a dezenove quilômetros do Belo Monte. Por crer na supremacia de sua tropa e, conseqüentemente, ignorar os motivos do fracasso das expedições anteriores, ordenou o bombardeio do arraial na manhã de 03 de março de 1897. Após algumas horas de combate e com insignificantes conquistas dentro do arraial, Moreira César caiu ferido na estrada de Geremoabo, seriam, pouco mais ou menos, três horas da tarde.⁷¹ Sua morte no dia seguinte, para alguns, projetara-se, analogicamente, na morte da República.

O impacto da derrubada do coronel na batalha campal abalara o moral das tropas de tal forma que desde a *intelligentsia* à soldadesca, todos caíram em debandada procurando qualquer lugar que não fosse perto de Canudos. Cumbe [atual município de Euclides da Cunha], Monte Santo, Queimadas e Cansanção recebiam militares em ritmo de retirada porque

“Quando seu César pendeu
E Tamarindo caiu
Só não fugiu quem morreu
Só não morreu quem fugiu.”⁷²

Diante do fracasso da terceira expedição, a cidadela do Conselheiro e seu povo, agora saía, respeitando as arestas, de um âmbito regional para um nacional. Estudando alguns jornais do Recife que narravam a contenda no calor da hora, Frederico Pernambucano de Mello trouxe-nos alguns elementos das estratégias de guerra do lado dos seguidores do peregrino:

“Quatro destas merecem transcrição aqui: 1 – atacada a artilharia, matavam logo os animais que a puxavam, o mesmo ocorrendo com os que tracionavam os carros do comboio de abastecimento; 2 – a disposição tática se dava em pequenos grupos de combatentes, operando com uma distância mínima de 12 metros entre cada uma de tais unidades coletivas; 3 – além do domínio completo do manejo de armas antigas e modernas, faziam perfeitamente a linha de atiradores, desmanchando e criando

⁷⁰ VILLA, Marco Antonio. (1995). Op. cit. p. 158.

⁷¹ MILTON. Aristides. (1979). Op. cit. 72,

⁷² MELLO, Frederico Pernambucano de. (2007). Op. cit. p. 132. Ver nota na página 145 da obra.

formações ao som do apito de cabecilhas; 4 – na retirada, despiam os soldados mortos e, vestidos com as fardas, entravam no meio da força, estabelecendo maior confusão.”⁷³

Como represália ao *fantasma monarquista*, jornais foram saqueados, os bacharéis se inquietaram, reuniões foram organizadas e os coronéis dos sertões caíram em profundo desespero. Essas foram algumas das repercussões ocorridas após a derrocada da expedição Moreira César. Se não mais uma expressão exagerada de nossa parte, as autoridades políticas e militares entraram em pânico generalizado, pois a “guerra, a longevidade da campanha, a resistência heróica, o apoio popular em grande parte do sertão e uma vivência concreta da fé transformaram o arraial fundado por Antonio Conselheiro em verdadeiro enigma.”⁷⁴

O tenente Henrique Duque-Estrada de Macedo Soares, não testemunha ocular da terceira expedição, mas da quarta, apontara em seu livro que o aniquilamento das forças às ordens do coronel Moreira César, produziu grande estrondo no país. Seguindo a narrativa do militar, “Canudos, naquela época, constituía o espantinho geral e os mais inverossímeis boatos fervilhavam sobre sua fortaleza, o número de fanáticos e os seus intuitos.”⁷⁵

No que se refere às repercussões da derrota do coronel e o transcorrer da guerra, os jornais trataram de apavorar e estigmatizar a opinião pública ao desenhar os *bárbaros* de Canudos. Ao mesmo tempo construía a idéia da república ameaçada, endossando ainda mais as arbitrariedades perpetradas pelas forças militares que, para o interior da Bahia marchavam,

“... a República inaugurava um período de instabilidade institucional, viradas súbitas, fechamentos de Congresso, golpes e contragolpes, estados de sítio, banimentos para o exílio, férrea censura à imprensa, arbitrariedades, prisões sem hábeas-corpus, fuzilamentos sumários de dissidentes, etc. A elite militar comandava o processo: em estado de pré-sublevação, e desde a Guerra do Paraguai, passara, pela primeira vez em nossa história, mas infelizmente não pela última, a dar as cartas em política.”⁷⁶

O volume da Campanha estendeu-se das folhas dos jornais, das cartas entre políticos e coronéis, das atas do Exército, dos relatórios da Igreja a uma instituição científica: a Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia, porque “se todas as

⁷³ Idem. p. 135.

⁷⁴ VILLA, Marco Antonio. (1995). Op. cit. p. 230.

⁷⁵ SOARES, Henrique Duque-Estrada de Macedo. *A guerra de Canudos*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. Philobiblion / Pró-Memória, 1985. p. 48.

⁷⁶ GALVÃO, Walnice Nogueira. *O Império do Belo Monte – vida e morte no sertão de Canudos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001. p. 78 e 79.

instituições são focos de incêndio”⁷⁷, esta não poderia manter-se equidistante dos fatos ocorridos na região de Canudos.

A FMB (Faculdade de Medicina da Bahia), centro acadêmico-científico, e deste modo, intelectual da Bahia durante todo o século XIX, esteve presente em momentos singulares na história da região e do Brasil. Envolveu-se politicamente em assuntos como Independência, Abolição e Proclamação da República. Enviou professores e estudantes ao conflito fronteiriço da Bacia do Prata quando da Guerra da Tríplice Aliança e, algumas décadas depois, à região do sertão: “durante a Campanha de Canudos (1896-1897), algumas enfermarias da Faculdade foram transformadas em “enfermarias de sangue”, para receber os feridos provenientes da frente de batalha no sertão baiano, para onde também seguiram professores e estudantes de Medicina.”⁷⁸

Para Wálney da Costa Oliveira, a dimensão da região de Canudos, esgarça-se, saindo do plano geomorfológico euclidiano ao entrar num espaço historicizado. Para o autor, uma alternativa para estudar a *região* de Canudos, poderia passar pela delimitação das áreas onde se verificam articulações e conflitos...⁷⁹. Por isso, como se comportar – sendo um centro de intelectuais de destaque – numa guerra no final do século XIX, com seus médicos e acadêmicos, visto que a medicina é uma estratégia bio-política quase que onipresente em assuntos sociais? Qual o papel desempenhado na guerra pela Faculdade do Terreiro de Jesus se “a mais nobre aspiração do médico é ver por si coroada a sua profissão com lisongeiros resultados. Uma vez em face de uma entidade mórbida e todo o seu afan disgnostical-a, e é por ahí que elle deve começar a colher mais um matiz para realçar o esmalte do diadema das ciências medicas”⁸⁰?

As doenças e as epidemias que acometeram civis e militares no decorrer das quatro expedições, as feridas por armas de fogo, as necessidades e angústias de toda ordem... Até que ponto a *ciência do progresso* da Faculdade de Medicina da Bahia daria respostas para um *mundo* em infinitas interrogações sobre seu destino? O tempo urgia e, ao que nos parece, atitudes deveriam ser tomadas.

“Entre 1896 e 1897, período em que se desenrolou a Guerra, milhares de soldados foram atendidos pelos médicos baianos (certamente não só os baianos), nos hospitais de sangue montados no cenário da luta. (...) O horror da guerra revelava a fragilidade dos

⁷⁷ LUZ, Madel Therezinha. *As instituições médicas no Brasil – instituições e estratégia de hegemonia*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986. p. 10.

⁷⁸ RIBEIRO, Marcos Augusto Pessoa. *A Faculdade de Medicina da Bahia na visão de seus memorialistas – 1854 – 1924*. Bahia: EDUFBA, 1997. p. 16 e 17.

⁷⁹ OLIVERIA, Wálney da Costa. (2000). Op. cit. p. 34.

⁸⁰ BRITTO, Eduardo. *Hypoemia Interpropical*. 1897. p. 30. In: AFMB – THESES. Código da tese: 097 – E. Mais informações sobre o autor, ver material em anexo.

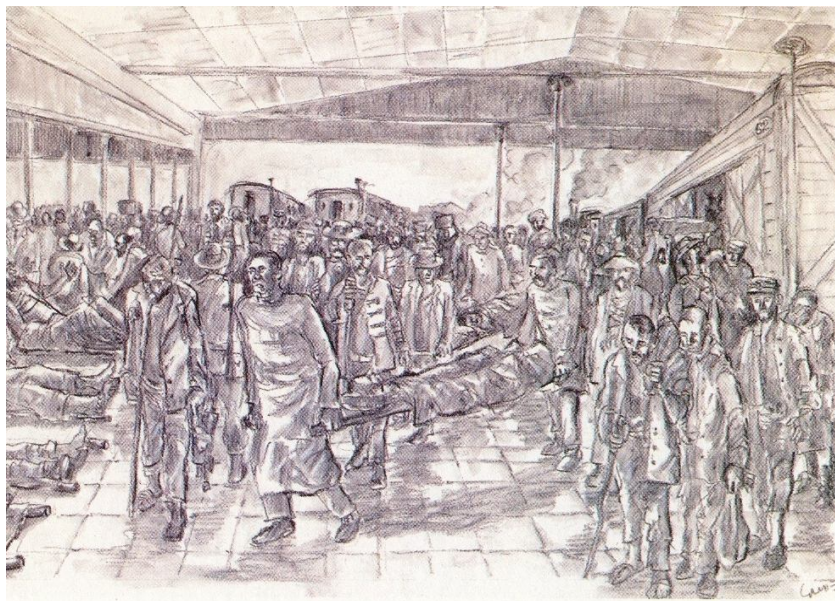
nossos médicos, o despreparo dos estudantes, que encontravam no espírito abnegado a alternativa para o fracasso e insucesso. (...) Não foram poucos os casos de deserção de médicos; alguns desapareceram para sempre.”⁸¹

Fracasso, insucesso, despreparo e fragilidade. O registro de Venézia Rios nos convida a *olhar* para os corredores da FMB no momento da explosão da guerra e tentar perceber como os médicos e alunos procederam ante os milhares de combalidos que nas enfermarias davam entrada. Antes de mergulhar nosso estudo na passagem da Faculdade do Terreiro de Jesus pela luta sertaneja, se faz necessário, expor determinados fragmentos urbano-sanitários da capital que recebeu mortos e feridos oriundos da quadra conflagrada.

1.5. Os combatentes que chegavam

Imagem – 2:

A CHEGADA DOS SOLDADOS FERIDOS NA ESTAÇÃO DA CALÇADA



FONTE: GAUDENZI, Trípoli Francisco Britto. *Memorial de Canudos*. BA: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1996. p. 124 e 125.

Pela ponta do pincel do artista baiano Trípoli Gauzendi, corriam os primeiros dias daquele agosto de 1897. Alguns militares convalescentes, outros à beira da morte e ainda os desertores, desciam na Estação da Calçada. Ali chegavam os expedicionários das mais diversas patentes e dos variados Estados brasileiros envolvidos na Campanha.

⁸¹ RIOS, Venézia Durando Braga. *Entre a vida e a morte: médicos, medicina e medicalização na cidade do Salvador (1860-1880)*. Bahia: UFBA – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. (Dissertação de Mestrado). 2001. p. 12 e 13.

Mais de quatrocentos quilômetros eram percorridos entre Canudos e Salvador e, pelo caminho, havia rastros epidêmicos significativos. São perceptíveis, sobretudo na imprensa da época, as passagens no que diz respeito ao estado de saúde das tropas republicanas e as condições sanitárias dos Hospitais de Sangue montados na quadra de operações. O capitão Manoel Benício, responsável por matérias alarmantes e informações consideradas políticas e militarmente inconvenientes pelo general Arthur Oscar de Andrade Guimarães, enviava ao periódico carioca *Jornal do Comércio* a 07 de julho o seguinte pesar:

“Estou cansado, estou doente. O meu estômago, devido às águas horríveis que bebi durante longas semanas, a alimentação, a carne de bode e de vaca que ingeri sem sal e sem farinha durante semanas longas, tem contorções de cascavel ou coivara e pesa-me como uma chapa de chumbo. Pede água e rejeita-a depois. Sente-se débil e repugna a comida. À noite tenho febre e desperto com uma secura intolerável.”⁸²

Canudos, Monte Santo, Cansação e Queimadas tornavam-se, paulatinamente, os focos das mais díspares infecções. Entre 17 e 19 de agosto, o capitão Fávila Nunes, na incumbência de correspondente da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, destacava a permanência do beribéri entre as tropas e, ainda, mais um agravante, “dizem haver feridos dentro de uma vala, cujos ferimentos estão cobertos de bicho por falta de recursos médicos, que agora vão em proporções modestas, pois as ambulâncias são bastante mesquinhas.”⁸³

Especificamente no que toca aos variolosos, são freqüentes as notas nos jornais evidenciando o peso desta epidemia na linha de fogo. Em carta ao periódico soteropolitano *Jornal de Notícias*, datada de 07 de setembro, o jornalista Lélis Piedade, junto à enfermaria localizada em Cansação, alegava ser “custoso estar-se num quarto em que está um varioloso. Fede a cães mortos. (...) Uns morrem extenuados pela moléstia, outros deixam-se ficar a espera de quem os socorra.”⁸⁴ O mesmo jornalista, em comunicação de 09 de setembro, encaminhada ao secretário de segurança pública do estado da Bahia, Felix Gaspar de Barros de Almeida, enviava a informação ao jornal de que a epidemia prostrara os praças tanto em Monte Santo e quanto em Queimadas.⁸⁵

A conclusão do texto de Lélis Piedade parece-nos simbólica ante o alcance da varíola no campo de guerra: “Por que a terrível epidemia não auxilia a destruição dos

⁸² GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). Op. cit. p. 319.

⁸³ Idem. p. 151 e 152.

⁸⁴ Idem. p. 356. Ver também PIEDADE, Lélis (Coordenador). (2002). Op. cit. p. 168.

⁸⁵ Idem. p. 364.

jagunços em seu quartel negro?”⁸⁶ Lélis Piedade almejava que a doença chegasse aos conselheiristas, como podemos notar, centrava-se na “febre contínua, na dor do corpo, garganta e peitos comprometidos, respiração fragmentada e profundo mal-estar”⁸⁷. Aqui a doença encontrou a dimensão do projétil. Esta epidemia deveria ter a mesma intensidade da matadeira. Seu espectro no palco de operações tornar-se-ia mais uma artilharia de Campanha contra o povo do Conselheiro, mas afastava milhares de soldados da linha de fogo.

Além da imprensa, há nas páginas do *Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia*, – que “congregou um grupo de cidadãos baianos como profissionais liberais, representantes das igrejas cristãs, empresários de diversos ramos produtivos, da imprensa e dos vários setores organizados da população”⁸⁸ – inúmeras passagens no que diz respeito aos milhares de mefíticos que caminhavam em direção ao Terreiro de Jesus e suas cercanias.

No final do mês de agosto – acompanhado por uma comitiva formada pelos estudantes de medicina Domingos Firmino Pinheiro e Redomark Simfrônio; pelos freis Jerônimo de Montefiore, Gabriel Kroemer, Pedro Sinzig e pelo médico, dr. Henrique Chenaud – o redator do Relatório, o jornalista e farmacêutico Lélis Piedade, partira em direção à região de Queimadas (trezentos e dezenove quilômetros de Salvador e cento e noventa e cinco de Canudos) com o intuito de prestar os mais variados serviços aos feridos da guerra. De acordo com a gravidade do ferimento, alguns dos combatentes ficariam ali naquela vila e outros rumariam para a capital.

A enfermaria do Comitê Patriótico, que atendeu militares e, posteriormente, civis, fora montada na região de Cansação no transcorrer da primeira quinzena de setembro (ver mapa no Capítulo III). Este deslocamento do Comitê à região próxima a Canudos, ao que nos parece, está ligado às limitações de pessoal e material dos hospitais de sangue de Queimadas, Monte Santo e Canudos, todos estruturados por médicos militares.

As unidades ali instaladas não suportaram a demanda de feridos, pois há indícios sobre a carência de atendimento médico no Relatório do Ministério da Guerra indicando a movimentação de feridos para outras enfermarias: “de 1 de julho a 24 de outubro do

⁸⁶ GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). Op. cit. p. 364.

⁸⁷ MICHEAU, Françoise. *A idade de ouro da medicina árabe*. In: LE GOFF, Jacques (apresentação). *As doenças têm história*. Lisboa: TERRAMAR Editores, 1985. p. 70.

⁸⁸ GUERRA, Sérgio. *O Relatório do Comitê Patriótico como fonte histórica fundamental*. In: PIEDADE, Lélis (Coordenador). (2002). Op. cit. p. 31.

anno findo foi este o movimento dos doentes tratados no hospital de Monte Santo: Entraram 4.193; sahiram curados 378; falleceram 220; existiam 25; foram transferidos para outros hospitaes 3.570.”⁸⁹

A 13 de setembro, sete dias depois de sua chegada em Cansanção, o secretário do Comitê via, diante de seus olhos, cinco carretas de feridos. Ainda sob o impacto que lhe causara esta desolada comitiva, registrou da forma que se segue: “famintos, olhos encovados, uns gotejando pus, outros trôpegos, um bando de desgraçados enfim, que pareciam já perseguidos pela morte, eram os soldados que recebíamos.”⁹⁰ Num total de 57 doentes, ali estavam desde feridos por armas de fogo e mais outra gama: beribéricos, cirróticos, tuberculosos, coquelúchicos, sífilíticos, reumáticos, variolosos, cardíacos e alguns quase cegos.

É relevante comentar que, ao mesmo tempo em que o Comitê Patriótico olhara os milicianos feridos e adoecidos em Campanha, tornara-se, concomitante a isso, “figura principal de amparo aos belomontenses, e na grande tribuna de defesa dos seus órfãos, viúvas e prisioneiros no pós-guerra, denunciando os maus tratos, infâmias e covardias a que são submetidos, abandonados pelas estradas, vendidos como novos escravos ou levados como “troféus de guerra”.”⁹¹

Voltando à imprensa. Fome e seca também entraram na diagramação dos jornais que acompanhavam a refrega travada no sertão baiano. “Atualmente tememos mais a fome do que os próprios jagunços... o pior inimigo com que lutamos aqui é a fome...”⁹² Assim chegavam à capital as notícias pelo jornal soteropolitano *Diário de Notícias* entre os dias 24 e 26 de agosto daquele ano de 1897, isto é, lançava à opinião pública os destroços da guerra.

O cenário estarrecedor projetado pelos jornais, fossem eles da capital federal, de São Paulo ou dos arredores do Terreiro de Jesus, paulatinamente materializava-se na capital dos baianos. Suas páginas agora assaltavam as ruas da cidade de forma nítida e preocupante para a população que ali habitava. Assim, Salvador nos parece, ao menos na última década da segunda metade do século XIX, uma urbe que, apesar de banhada pelo mar, ardia em chamas.

⁸⁹ RMG – 1898. Op. cit. p. 33. Também disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u2238/000041.html>
Acesso: 10/08/2008.

⁹⁰ PIEDADE, Lélis (Coordenador). (2002). Op. cit. 185.

⁹¹ GUERRA, Sérgio. (2002). Op. cit. p. 32.

⁹² GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). Op. cit. p. 122 e 124.

1.6. A Salvador que acolhia os combalidos

Acometidos pelas mais diversas afecções, os militares eram recebidos por uma Salvador em que o “dia-a-dia do povo era atormentado pelos espectros do desemprego, da fome, da doença e da morte.”⁹³ Mergulhada na estagnação financeira e destacada crise política, a capital dos baianos atravessara o século XIX marcada pela reduzida atenção das autoridades *públicas* no que diz respeito aos esforços destinados à saúde de sua população e uma limitada estrutura sanitária. Fosse na cidade alta ou na cidade baixa, no centro administrativo da Sé ou no troca-troca do porto, lixos e detritos eram atirados nas calçadas, comprometendo a higiene local e abrindo caminho para as mais distintas doenças infecto-contagiosas.⁹⁴

A varíola, que atravessara o estado da Bahia no ano da guerra, levava à morte 33,89 em cada cem doentes só na capital.⁹⁵ Ainda nas palavras do historiador baiano,

“As condições sanitárias da cidade eram extremamente precárias e refletidas na grande incidência de doenças transmissíveis como a tuberculose, a varíola, a peste bubônica, a febre amarela e o impaludismo, que grassavam em caráter epidêmico. Daí resultavam as altas taxas de óbitos, associáveis também a outras moléstias. A gripe e a disenteria fazia muitas vítimas. O coeficiente de mortalidade infantil foi particularmente elevado em todo o período [*Primeira República*], graças aos altos índices de desnutrição e doenças de aparelho digestivo em crianças, entre os quais eram muito disseminado o raquitismo. Outra árdua batalha era garantir a moradia. A precariedade da habitação, aliás, se relacionava intimamente à frequência de doenças favorecidas pelas condições higiênicas da cidade e, particularmente, das residências.”⁹⁶ [*grifo nosso*]

Nesta condição sanitária, era comum para quem ali visitasse notar os excrementos que grassavam nas calçadas da cidade. Apesar das insistentes atuações da Câmara Municipal em emitir as *posturas* que deveriam ser disciplinadoras ou com o objetivo evidente de abolir determinadas atitudes da população, o hábito de jogar detritos e águas sujas no meio da rua permanecia de alto a baixo nas ladeiras da Bahia. Sem um sistema de esgoto eficiente, valas e valetas a céu aberto dividiam as vias públicas onde, simultaneamente, no mesmo espaço, animais mortos atingiam o estado de putrefação. De acordo com a historiadora Kátia Mattoso,

“O costume de deixar no centro das ruas uma sarjeta para o escoamento das águas pluviais, torna este canal, na prática diária, um veículo de despejo de águas sujas cujos

⁹³ SANTOS, Mario Augusto da Silva. *A República do povo – sobrevivência e tensão*. Bahia: EDUFBA, 2001. p. 60.

⁹⁴ Para uma abordagem mais detalhada sobre o tema ver: UZEDA, Jorge Almeida. *A morte vigiada: a cidade do Salvador e a prática da medicina urbana (1890-1930)*. Bahia: UFBA – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. (Dissertação de Mestrado). 1992.

⁹⁵ SANTOS, Mario Augusto da Silva. (2001) Op. cit. p. 15.

⁹⁶ Idem. p. 61.

eflúvios não são o pior castigo que o pedestre tem que suportar, já que ele se acha a cada passo na possibilidade de ser enlameado e sujo. Com efeito, as sarjetas viviam imundas e só se achavam temporariamente limpas quando desabavam os aguaceiros. Águas sujas às quais se deve ainda acrescentar lixo e outras imundícies contra as quais dificilmente se lutava.”⁹⁷

Em trabalho intitulado *As Origens da Reforma Sanitária e da Modernização Conservadora na Bahia durante a Primeira República*, Luiz Antonio de Castro Santos notara que as soluções para reduzir as precariedades insalubres da cidade de Salvador somente tomariam sensível rumo nas reformas do *anoitecer* da república dos coronéis, mudanças estas perpetradas ou pelo governo federal ou pela Fundação Rockefeller, essas duas atuando mutuamente em solo baiano.⁹⁸

Até a primeira década do século XX, o governo estadual encontrara três obstáculos à organização e execução de um sistema de saúde pública capaz de atender às necessidades da capital e, posteriormente, do interior: primeiro, o universo limitado dos professores da Faculdade de Medicina da Bahia em aceitar novas idéias e, sobretudo, as desavenças políticas que havia quando da criação ou não de instituições ligadas à saúde pública na Bahia. De acordo com Luiz de Castro Santos,

“Um primeiro esforço legislativo aconteceu durante a administração do governador J. M. Rodrigues Lima [1892 – 1896], formado pela Faculdade de Medicina da Bahia. Um projeto regulando o sistema de saúde pública na Bahia foi submetido ao Legislativo, tornou-se lei e foi sancionado pelo governador em 1892. Os defensores da saúde elogiaram a criação de um Conselho Superior de Higiene Pública da Bahia pela nova legislação. O Conselho incluía alguns dos melhores nomes do corpo médico baiano: J. F. [José Francisco] da Silva Lima, o renomado precursor da medicina experimental, Antônio Pacífico Pereira e Nina Rodrigues, entre outros. Pacífico Pereira, como Nina, era editor da *Gazeta Médica* e um prolífico escritor sobre saúde pública e saneamento.”⁹⁹ [grifo nosso]

Todavia, o Comitê de Saúde do Congresso Estadual, logo nas investidas do Conselho Superior de Higiene Pública da Bahia acerca do projeto, mostrara as implicações quando da iniciativa da criação de um instituto bacteriológico em Salvador em 1894. O Conselho propôs que a nova instituição fosse governamental, mas o Comitê de Saúde votou por uma instituição privada; o Conselho sugeriu a contratação de

⁹⁷ MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia: a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo: HUCITEC, 1978. p. 182.

⁹⁸ Mais detalhes acerca do tema ver: PONTES, Adriano Arruda. *Caçando mosquitos na Bahia: a Rockefeller e o combate à febre amarela – inserção, ação e reação popular (1918 – 1940)*. Bahia: UFBA – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. (Dissertação de Mestrado). 2007.

⁹⁹ CASTRO SANTOS, Luiz A. de. *As Origens da Reforma Sanitária e da Modernização Conservadora na Bahia durante a Primeira República*. Rio de Janeiro: **Dados**. v. 41, n. 3, 1998. p. 9. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581998000300004&lng=in&nrm=iso&tlng=in Acesso em: 11/10/2008.

médicos estrangeiros para gerir o espaço, o Comitê viu ali um desabono à Faculdade de Medicina. Somente em 1915, na gestão do governador José Joaquim Seabra, concluiu-se a construção do Instituto Bacteriológico Baiano, já em 1917, chamado de Instituto Oswaldo Cruz da Bahia.¹⁰⁰

O segundo aspecto relatado por Luiz de Castro Santos, refere-se à crise econômica pela qual passava o estado. Como destacamos nas páginas iniciais, o autor ainda acrescenta que as divisas do café, tabaco, cacau, açúcar, algodão e a mineração da região da Chapada Diamantina, todas suscetíveis às exigências do mercado externo, não foram capazes de cimentar uma base financeira ao ponto de oferecer investimentos internos. Paralelo a isso, a limitada estrutura ferroviária que havia era incapaz de interligar as regiões produtivas e proporcionar uma dinamização econômica desejada.

A fragmentação política predominante na Bahia da República Velha compõe o terceiro obstáculo à concretização de um plano urbano-sanitário eficiente. Passemos à análise do autor:

“As oligarquias baianas não tinham coesão política e não conseguiram desenvolver uma sólida organização partidária. Como resultado, os governos da Bahia, mesmo os que propunham novas políticas de saúde, não tiveram o apoio necessário dos legisladores para assegurar a aprovação de leis. Quando a Assembléia Estadual aprovava um projeto de saúde pública, sempre ocorriam problemas de execução ou de consolidação dos programas e serviços. (...) Muitos partidos políticos foram fundados na Bahia durante a Primeira República, mas a maioria deles teve pouca duração em razão da falta de coesão política das oligarquias. A inexistência de tradição republicana no ocaso do Império contribuiu também para a fragmentação política. Ao contrário de São Paulo, a Bahia nunca desenvolveu um movimento republicano expressivo – nem mesmo um Partido Republicano – durante o último quartel do século XIX.”¹⁰¹

De acordo com os conchavos políticos, ou seja, exemplo emblemático do início do período republicano, a politicalha condenava a população do meio rural e urbano a conviver em precárias condições. À população que transitava nas ruas e calçadas da capital, em destaque as alijadas dos centros do *poder* e sem possibilidades de reivindicação, limitada pela impossibilidade de voto, cabia sobreviver em meio às intempéries sociais.

Voltemos à descrição dos aspectos sanitários da capital dos baianos, antes de sua ‘feição moderna’ promovida pelo governo de J.J. Seabra.¹⁰² No que toca especificamente ao sistema de distribuição de água da cidade, Jorge Almeida Uzeda em

¹⁰⁰ Idem. p. 10.

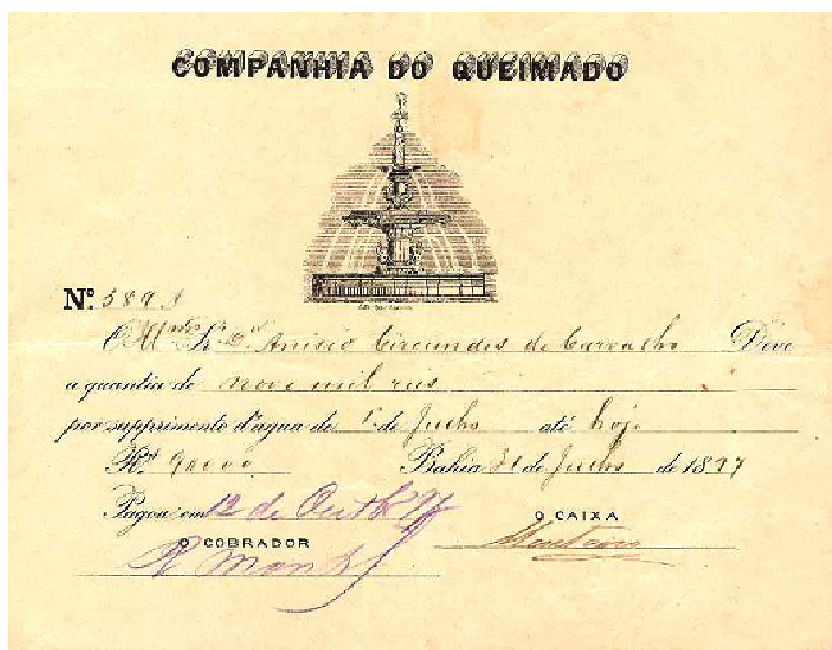
¹⁰¹ Idem. p. 3 e 4.

¹⁰² Para uma leitura mais detalhada sobre o assunto ver: LEITE, Rinaldo César Nascimento. *E a Bahia civiliza-se... Ideais de civilização e cenas de modernização urbana – Salvador: 1912 – 1916*. Bahia: UFBA – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. (Dissertação de Mestrado). 1996.

seu trabalho *A morte vigiada: a cidade do Salvador e a prática da medicina urbana (1890 – 1930)*, efetuou um levantamento documental referente a: sanitário, urbanização e sistema de esgoto, inclusive contemplando o que a imprensa noticiava referente às enxurradas torrenciais na capital e suas repercussões.

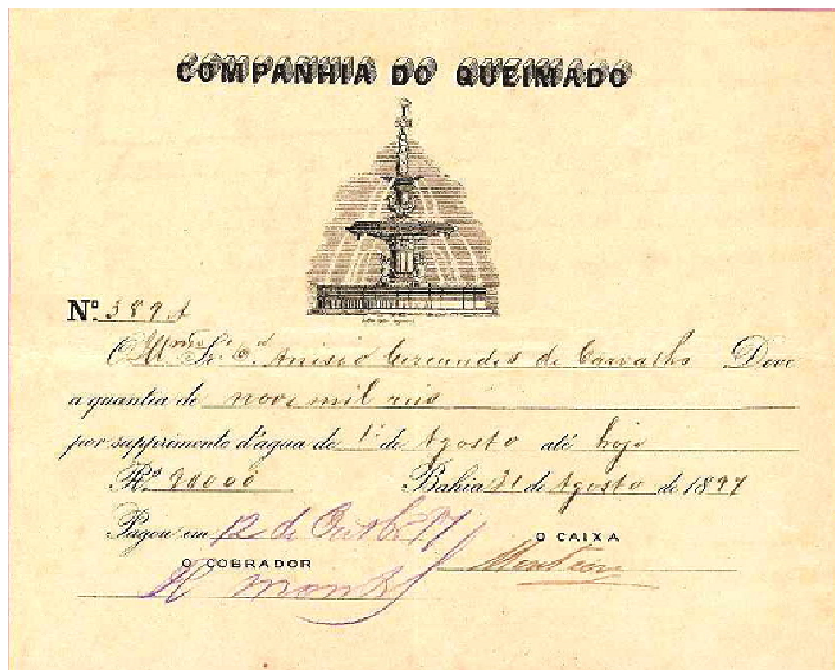
Em matéria de 12 de maio de 1924 do *Diário de Notícias*, isto é, vinte e sete anos depois da Campanha de Canudos, o jornal soteropolitano trazia a seguinte nota a seus leitores acerca do dique do Queimado: “As chuvas abundantes que caem levam assim, na enxurrada para dentro do dique, toda sorte de imundícies contaminadora das águas... Dejetos, animais mortos, lama, burros e tudo o mais. É essa água quase pútrida e envenenada que está correndo nos encanamentos da cidade.”¹⁰³

Documento – 1



Documento – 2

¹⁰³ UZEDA, Jorge Almeida. (1992). Op. cit. p. 84.



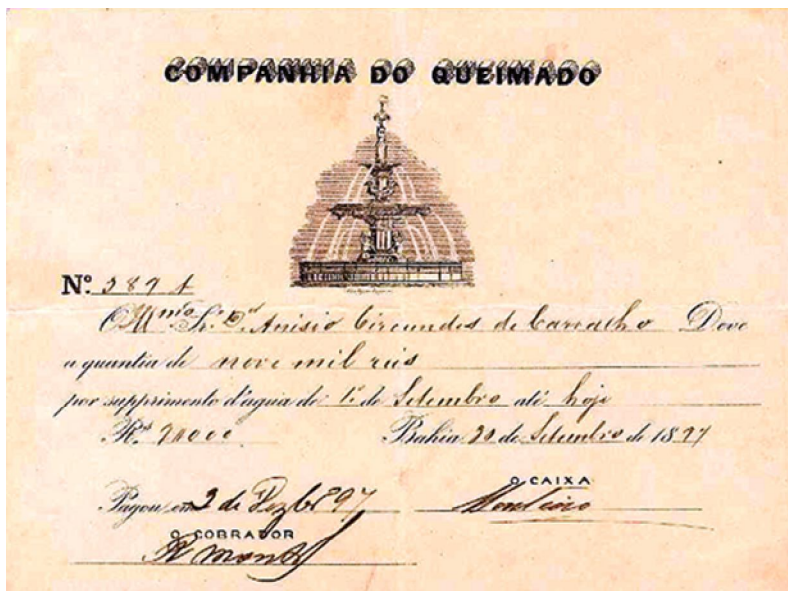
Especificamente sobre as águas do Queimado, conforme a documentação anterior, o professor Anísio Circundes de Carvalho – catedrático da disciplina de Patologia Geral da Faculdade de Medicina da Bahia à época da quadra de Canudos – fora responsável pelo Hospital da Jequitaiá, instalado na cidade para tratar os enfermos e feridos da guerra que para lá se deslocavam. Efetuara o médico, ao que consta nos documentos que seguem em destaque, cinco compras de suprimento de água na sublinhada Companhia. Assim, quarenta e cinco mil réis foram gastos com água entre junho, agosto, setembro, novembro e dezembro de 1897, isto é, aqueles meses em que registraram-se a chegada dos militares às enfermarias improvisadas em Salvador.

Nossa distância temporal não permite saber, mas possibilita perquirir. Primeiro, estaria esta água recebendo os mesmos dejetos relatados por Jorge Uzeda ao analisar a matéria do jornal de 12 de maio de 1924? Segundo, assepsia de feridas, esterilização de instrumentos cirúrgicos, limpeza das dependências de seu hospital... se potável, qual fora o destino desta água?

O professor Circundes de Carvalho dividiu o trabalho no Hospital Jequitaiá com outros colegas médicos, os doutores Deocleciano Ramos (lente da disciplina de Obstetrícia) e Miguel Simões; e recebeu notificação do Inspetor Geral de Higiene do Estado da Bahia, dr. Eduardo Gordilho da Costa, em 15 de setembro (mais detalhes no

próximo capítulo) sobre a atmosfera infecta de seu Hospital. A nota abaixo poderia nos aproximar de uma resposta.

Documento – 3



Fonte dos documentos em destaque (1, 2, e 3): AFMB. Maço – Documentação referente à Guerra de Canudos. Caixa Ano 1897 – código: 01.07.0574.

Ante as fontes supracitadas, nossa única certeza é de que a água foi comprada e utilizada. Seu destino imediato e específico fica distante de nossa reflexão e, por este motivo, se aproxima de uma reconstrução hipotética porque “em primeiro lugar o historiador, enquanto produtor de um texto, e também o público leitor, consumidor de História, devem assumir a dúvida como um princípio de conhecimento do mundo. (...) Há mais dúvidas do que certezas, o que compromete o pacto da História com a obtenção da verdade.”¹⁰⁴ Atinentes a mais uma contribuição do historiador inglês no que diz respeito a multivocalidade da história e a sua dúvida como característica permanente,

“..., cada vez mais os historiadores estão começando a perceber que seu trabalho não reproduz “o que realmente aconteceu”, tanto quanto o representa de um ponto de vista particular. (...) Os narradores históricos necessitam encontrar um modo de se tornarem visíveis em sua narrativa, não de auto-indulgência, mas advertindo o leitor de que eles não são oniscientes ou imparciais e que outras interpretações, além das suas, são possíveis.”¹⁰⁵

O médico baiano Deodoro Álvares Soares, atuante nas enfermarias montadas no Mosteiro de São Bento quando aluno da Faculdade do Terreiro de Jesus, trouxe-nos no

¹⁰⁴ PESAVENTO, Sandra Jatthy. *História & História Cultural*. 2ª Edição. Minas Gerais: Autêntica Editora, 2005. p. 115.

¹⁰⁵ BURKE, Peter. *A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa*. In: BURKE, Peter. (organizador) *A Escrita da História – novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1991. p. 337.

capítulo dois de sua tese – apresentada a banca arguidora em 1899 (dois anos após a Campanha) com o título *Alguns traços de nossa população sob o ponto de vista higienico e evolucionista* – mais alguns fragmentos das condições sanitárias não somente da capital dos baianos, como para boa parte das capitais brasileiras. Passemos a sua narrativa:

“não possuímos esgotos, sabem todos, temos um sarcasmo maldicto atirado a face do progresso científico em materia de hygiene: os canos de estagnação das matérias putrescíveis, as terríveis boccas de lobo a exhalarem aos excessos da temperatura emanações mephíticas a passagem dos transeuntes.”¹⁰⁶

O diálogo entre o gabinete da Intendência Municipal da Capital do Estado da Bahia e a Inspeção Geral de Higiene do Estado é elucidativo por dois fatores: primeiro, endossa e reafirma o ambiente precário em que estava envolvida a Salvador urbano-sanitária daquele final do século XIX; e, segundo, nos permite ‘entrar’ na instituição científica que, naquele momento, incumbia-se de tratar os militares e dar destino aos que ali morriam. Passemos então a descrição do ocorrido:

“Em bem da saúde já ameaçada, dos que residem em prédios de números quatorze e deseseis, às Portas do Carmo, convido-vos de novo a ordenardes com toda a urgência a restauração do cano de esgoto que partindo das diversas latrinas [d]as enfermarias da Faculdade de Medicina, atravessa o terreno que jaz nos fundos d’aquelles prédios invadidos nos seus pavimentos inferiores por matérias imundas. (assignado) O Inspector Eduardo Gordilho Costa.”¹⁰⁷

Coerentemente, destoante não seriam os hospitais que se haviam na capital da Bahia, quando imersos no contexto até aqui alinhavado. Como veremos no próximo item, insalubridade e precariedade grassavam em Salvador fosse dentro ou fora das enfermarias que atendiam aos feridos. Conseguir escarradeiras, cobertores, remédios e instalar canos e latrinas eram algum dos desafios aos que se dedicavam a tratar os feridos que chegavam de Canudos.

1.7. Necessidades hospitalares em tempos de guerra

O estudo de Jorge Uzeda nos possibilita mais uma incursão ao Mosteiro de São Bento momentos antes da refrega travada no sertão da Bahia, isto é, ainda no governo de Joaquim Manoel Rodrigues Lima (1892 – 1896). De acordo com sua pesquisa,

“o mosteiro de S. Bento, na rua Pão-de-Ló número 94, distrito da Sé, era conhecido pelas péssimas condições higiênicas, falta de asseio, acúmulo de lixo e imundícies no

¹⁰⁶ SOARES, Deodoro Álvares. *Alguns traços de nossa população sob o ponto de vista higienico e evolucionista*. Tese defendida no ano de 1899. AFMB – THESES. Código da tese: 099-E.

¹⁰⁷ AFMB. Caixa Ano 1897 – outubro.

páteo, com exalações insuportáveis, devido à falta de canalização para as águas servidas em seus diversos pavimentos.”¹⁰⁸

Um ano depois, neste mesmo Mosteiro de São Bento e agora na gestão do governador Luis Viana (1896 – 1900), os soldados José Maria Baptista, Sebastião Ferreira Lima, Pedro José da Rocha, Manoel Cypriano de Jesus, Silvino José dos Santos, Joaquim Vieira de Carvalho, Manuel de Barros Cavalcante, Faustino de Araújo, Marciano Gomes Pereira, Érico Dias Mila, Raymundo Ferreira Lima e Antonio de Castro Guimarães dividiam com mais noventa milicianos os leitos estruturados pela FMB no destacado Mosteiro.

Na *RELAÇÃO DOS DOENTES RECOLHIDOS A 6ª ENFERMARIA DO HOSPITAL DE SÃO BENTO*¹⁰⁹, sob direção do vice-diretor da Faculdade dr. José Olympio de Azevedo, entraram militares com idade entre 16 e 56 anos, divididos em graduações que abarcavam, afora os soldados, anspeçadas¹¹⁰, cabos e músicos. Todos distribuídos entre os diversos batalhões dos dezessete Estados da federação, tais como: regimento de cavalaria, batalhão de infantaria, regimento de artilharia e corpos de polícia.

Àquela 6ª *ENFERMARIA* em destaque recebera assinatura do dr. Ignácio Monteiro de Almeida Gouveia (professor substituto). Há segundos dali, no mesmo Mosteiro, estavam seus colegas Pedro da Luz Carrascossa, Guilherme Pereira Rebello, Domingos Alves de Mello e João Moniz. Encerrada em 16 de novembro, esta enfermaria revela-nos alguns números. De acordo com o gráfico que segue, notamos que parte significativa das forças militares que deram entrada na enfermaria, isto é, 40%, estavam acometidos de alguma doença. No caso específico de São Bento, destacamos 39 doentes dentre os 102 enfermos e, como poderemos observar, a bronquite e a diarréia tomaram significativo volume entre àqueles combatentes.¹¹¹

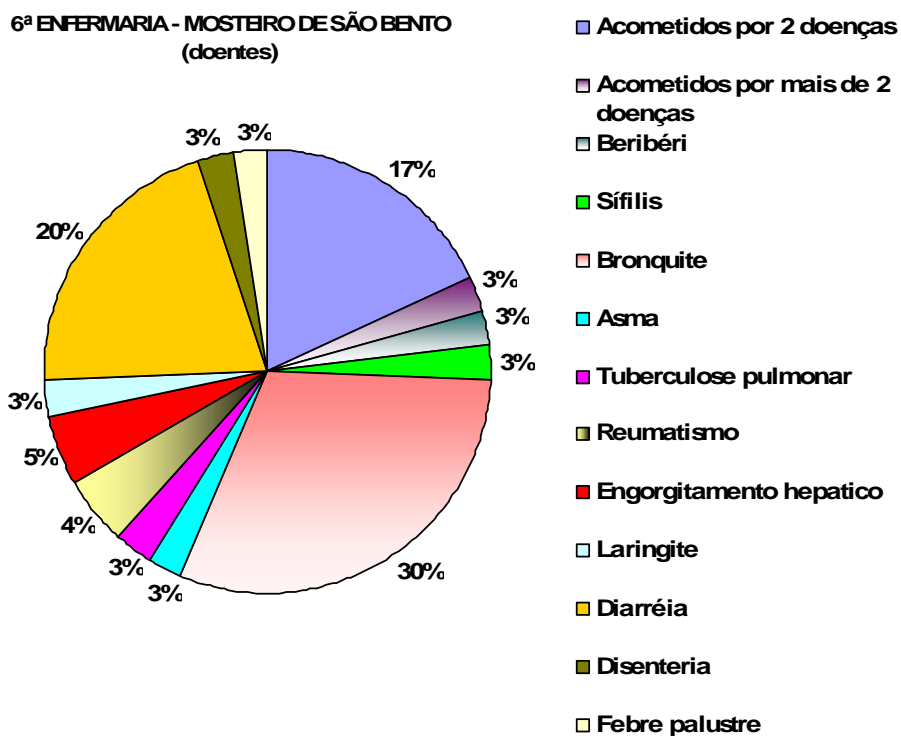
¹⁰⁸ UZEDA. Jorge Almeida. (1992). Op. cit. p. 126.

¹⁰⁹ ver material em anexo.

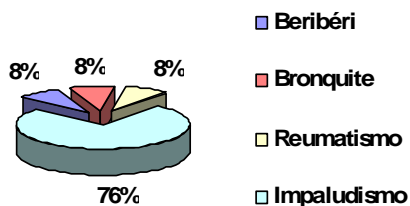
¹¹⁰ Aspirante à cargo de oficial do Exército.

¹¹¹ Ver mapa completo da enfermaria em material anexo. **Detalhe importante:** nenhum dado extraído do AFMB – Caixa Ano 1897: Cód. 01.07.0574 nos permite generalizar qualquer informação, pois das 30 enfermarias estruturadas na capital Salvador para atender os feridos de Campanha, em nossas pesquisas, conseguimos levantar 8 e, mesmo assim, nem todas contemplam as mesmas informações.

Gráfico – 2:
DISTRIBUIÇÃO DAS DOENÇAS



ENFERMARIA LOUIS PASTEUR -
doentes



FONTE: AFMB – Caixa Ano 1897: Código 01.07.0574

Nesta 6ª enfermaria o único falecimento fora do soldado sergipano de 23 anos, Pedro José Divino, pertencente ao 5º Batalhão de Infantaria da 3ª Cia. Pedro José, que não estava ferido por arma de fogo, deu entrada à enfermaria em 15 de agosto. Ao que consta no mapa da enfermaria, o soldado havia solicitado sua remoção para a ilha de

Itaparica em 6 de setembro, mas falecera dois dias depois. No mapa em que há a descrição da moléstia e as observações sobre as afecções do soldado sergipano, eczema e beribéri foram apontadas como *causa mortis*.

O mapa da enfermaria Louis Pasteur, a cargo do professor Anatomia e Fisiologia Patológica, Augusto César Viana, em meio ao predomínio do impaludismo não apresentara casos de falecimento ao menos dentre os 26 que ali permaneceram, pois 6 militares foram transferidos ou para a enfermaria do professor Braz do Amaral ou para aplicação de clorofórmio, cuja unidade não é mencionada.

Analisando a precariedade dos hospitais que atenderam aos combatidos provindos do arraial de Canudos, o Hospital Santa Izabel também abriu suas portas aos feridos do Exército da república e uma reflexão sobre suas insuficiências no que toca à *hygiene*, não escapara a pena do acadêmico baiano Adolpho Vianna, que atuara nos Hospitais de Sangue estruturados em Queimadas e Monte Santo.

Adolpho Vianna, filho de D. Marcolina Vianna e do dr. Adolpho Vianna, formou-se em 1898, isto é, um ano após a guerra. Integrante da primeira turma enviada ao palco das operações em 27 de julho de 1897, o quintanista de medicina graduara-se com a tese *Hygiene dos hospitaes*. De acordo com seu trabalho de doutoramento, o referido hospital apresentava aspectos distantes das regras de higiene em vigor, isto é, dentre eles, destacou o jovem arguente, o espaço inadequado e exíguo entre os pavilhões e as galerias, o que prejudicava a ventilação desejada, facilitando a disseminação de doenças.

Para endossar suas críticas, o aluno trouxe em suas páginas o reconhecimento de seu professor da disciplina de *Hygiene*, Joaquim Manoel Saraiva que segundo ele, havia feito um exame minucioso e demorado sobre o Hospital Santa Izabel: “Chamaram uns quatro obreiros que mal sabiam collocar o barro por sobre a pedra, não fizeram o devido appelo à hygiene e dizem cheios de si: a Bahia possui um magnífico hospital, somente pelo tamanho e belleza que representa.”¹¹²

Os hospitais, ao que nos parece, não fugiam à crise econômica a que enfrentava o estado da Bahia. As providências caminhavam de acordo com as necessidades, ora supridas ora não. Daí a preocupação do Comitê Patriótico da Bahia em organizar

¹¹² VIANNA, Adolpho. *Hygiene dos hospitaes*. 1898. p. 62 e 63. In: AFMB – THESES. Código da tese: 098-E.

comissões visitadoras para que estas atuassem nas trinta enfermarias improvisadas localizadas nas imediações da Faculdade.¹¹³

Nas reuniões desta *comissão* foram abordados temas como falta de materiais e precariedades das instalações hospitalares e, em alguns momentos, os membros do Comitê entraram em conflito com os doutores da Faculdade de Medicina. Sobre suas visitas às enfermarias do Mosteiro de São Bento há que o

“comendador Aristides Novis e Alfredo Requião, encontraram falta de diversas coisas, cuja presença era ali indispensável para o tratamento dos doentes... o Sr. Carneiro da Rocha faz referências à má colocação da latrina, em S. Bento, chamando para isto a atenção de quem competisse e a do Comitê.”¹¹⁴

Ao que consta no *Histórico e Relatório do Comitê Patriótico*, a comissão fora organizada para averiguar *certas irregularidades* que havia nas unidades improvisadas para atender os feridos e doentes que chegavam da guerra. Esta intervenção motivou uma série de medidas por parte do diretor da Faculdade, Antonio Pacífico Pereira. Em reunião de 25 de agosto, ou seja, em pleno fragor da guerra, o diretor reclamava que as comissões mais pareciam fiscalizadoras que visitadoras.

Franz Wagner – presidente do Comitê e mediador da reunião – levava em consideração tanto o protesto do professor-diretor quanto as justificativas dos membros da mesa, pois alegavam eles que a intenção do Comitê era meramente de proteção e prestação de serviço. Membro da *Comissão Central* do Comitê, Alfredo Requião argumentara com o dr. Pacífico Pereira que havia dúvidas devido a *notícia incerta* do Jornal de Notícias sobre o fornecimento de medicamentos às enfermarias da Faculdade. Segundo narrativa do *Histórico e Relatório*, de imediato o diretor apresentara documento comprovando o encerramento dos pedidos tanto os de seu colega, o professor de *Clínica dermatológica e syphiligraphica*, dr. Alexandre Evangelista de Castro Cerqueira, quanto os seus.

A partir dali, Antonio Pacífico Pereira solicitara aos membros do Comitê, que limitassem o quanto possível as visitas das comissões às enfermarias da Faculdade, medida esta por motivo de higiene e, ao mesmo tempo, impedir que houvesse ainda mais a disseminação das epidemias que grassavam na capital.

¹¹³ Mais informações acerca dos hospitais em Salvador ver BARRETO, Maria Renilda Nery. *A Medicina Luso-brasileira – Instituições, médicos e populações enfermas em Salvador e Lisboa (1808-1851)*. 2005. 257 fl. Tese (Doutorado em História das Ciências). Casa de Oswaldo Cruz – FRIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2005.

¹¹⁴ PIEDADE, Lélis. (2002). Op. cit. p. 67 e 98.

O que paira à sombra é que naquela sala *vários apartes* ocorreram entre os membros do Comitê e os professores da FMB. Duas instituições entrando em evidência devido a uma *notícia incerta* no que dizia respeito ao fornecimento de materiais às enfermarias instaladas nas dependências da Faculdade. É interessante notar que os trâmites inerentes ao procedimento médico para tratar os feridos da guerra saiu das enfermarias e ganhou, pelas páginas do jornal citado, uma dimensão pública. O desconforto causado pela *notícia*, implicou na comprovação documental por parte do diretor da Faculdade, sobre a necessidade da aquisição de medicamentos e instrumentos de trabalho.

Ao que nos parece, a tensão causada pelo ambiente de guerra tornava sensível as relações entre os médicos e ‘não-médicos’ que trabalhavam em Salvador, fosse para tratar dos convalescentes ou fosse para aplicar-lhes um lenitivo pós-guerra, nada escapava à pena dos jornais. A Faculdade de Medicina e seus professores estavam imersos em um contexto cuja prática médica tentava concretizar de forma *científica* seu espaço e, por conseguinte, cristalizar a profissão. Qualquer menção ou *dúvidas levantadas*, sobretudo aos olhos da opinião pública, que pudessem manchar uma ou outra conduta daquela instituição científica, sofreriam *largas considerações*.¹¹⁵

Andemos agora por seus corredores, salas e laboratórios... Entremos na Faculdade do Terreiro de Jesus abarrotada de feridos que provinham da 4ª expedição enviada ao interior da Bahia pelo Exército da República, relatem como seus mestres organizaram as enfermarias e de que forma atuaram, com o auxílio de seus alunos, ante a imensidão desesperadora do conflito... Toda essa movimentação mergulhada em um contexto em que a *medicina oficial*, isto é, acadêmica, dividia seu espaço com outras práticas de cura, o que abordaremos nas últimas páginas do capítulo que segue, porque agora, à entrada da Faculdade...

¹¹⁵ Mais sobre a legitimação da profissão médica ver EDLER, Flávio Coelho. *As reformas do Ensino Médico e a profissionalização da medicina na Corte do Rio de Janeiro (1854/1884)*. 1992. 275 fl. Dissertação (Mestrado em História Social). SP: Universidade de São Paulo, 1992.